

TRÍDUO DOS COLEGIAIS

“Correndo para alcançá-Lo”

(São Paulo)

Tríduo Pascal dos Colegiais

Rimini, 17-19 de abril de 2014

INTRODUÇÃO, JOSÉ MEDINA

17 de abril, quinta-feira à noite

Ballata del uomo vecchio

Era de maggio

Liberazione n. 2

Aqui estamos, Senhor, “Bestiais como sempre, carnais, egoístas como sempre, interesseiros e obtusos como sempre [...], / Porém, sempre em luta, sempre reafirmando, sempre retomando sua marcha sobre o caminho iluminado pela luz; / Frequentemente parando, perdendo tempo, desviando-se, atrasando-se, retornando, porém nunca seguindo outro caminho”¹. Cheios de urgência e de desejo de encontrar alguém que possa preencher, realizar a grandeza do coração, “correndo para alcançá-Lo”², para deixarmo-nos agarrar por Ele, que veio ao nosso encontro.

Pedimos-te, Pai, que não nos abandone. Ilumina-nos, sustenta-nos. Vem logo nos libertar. Libertar-nos da ilusão de que o aparente seja a consistência da vida; vem, Senhor, libertar-nos da angústia do cotidiano. Escancara o coração, de modo que possamos detectar a sombra de todas as coisas, colocando-a à mostra; dá a todas as coisas a sua verdadeira forma. Suplicamos-te, Senhor, conscientes da nossa insuficiência e da nossa grandeza. Cantemos juntos, *Ó Vinde Espírito*. Em pé.

Ó Vinde Espírito

O GRITO DO EU

Agradeço a vocês pelo trabalho que fizeram na preparação deste momento. Achei suas contribuições leais, expressão do trabalho e do empenho na decisão de ser “escandalosamente felizes”. É possível ver que vocês acolheram o desafio que padre Julián Carrón lançou na Jornada de Início de Ano³. Agradeço também pela presença de vocês que, em si, já é expressão do pedido que cada um de nós carrega no coração. Somos pequenos e, muitas vezes, distraídos e, ao mesmo tempo, cheios de urgência, de desejo de encontrar alguém que possa satisfazer a grandeza da espera do nosso eu. E embora tudo a nossa volta e em nós conspire para calar, para soterrar o eu, a

substância do nosso coração aparece inevitavelmente em cada momento. O eu é espera, é pergunta. Podemos tentar enterrar essas perguntas, cancelá-las, mas assim que a realidade se apresenta de modo inesperado, elas emergem novamente, inevitavelmente, pretendendo encontrar respostas.

Uma de vocês escreve: “Na semana passada, uma amiga minha morreu em um acidente, e a questão da morte do meu pai voltou de novo com mais urgência. Veio à tona novamente o grito que senti diante da morte e que sempre volta. Quando meu pai morreu eu era pequena, e de algum modo a explicação dos meus irmãos [...] era suficiente para mim, mas agora não é mais. [...] Apesar de terem se passado muitos anos, a dor é a mesma, nem maior nem menor. [...] Mas, normalmente, é mais fácil tentar esquecer, tentar diminuir esse grito, do que enfrentar a dor [...] no cotidiano. O problema é que, depois, inevitavelmente, ele volta”. Estão vendo? As perguntas não podem ser eliminadas com simples explicações e, de fato, voltam. O coração é necessidade insaciável de resposta, da qual o homem não pode fugir. É mentira dizer que a pergunta pode ser “guardada” ou esquecida. Você e eu somos estruturalmente espera, pergunta, não porque você o queira, não porque o sinta, mas por natureza. O homem é aquele nível da natureza em que a natureza se torna pedido, pedido de destino e de felicidade.

QUAL É A RESPOSTA A ESSA URGÊNCIA?

Normalmente, tentamos responder a essas exigências, à exigência de felicidade, à exigência de sentido da vida com a nossa capacidade. Pensamos que a resposta seja algo dentro da nossa medida, algo que está no horizonte da nossa imaginação e que é expressão do nosso poder. O ponto de partida habitual é a pretensão de que eu seja capaz de identificar o significado total da existência com um particular, que eu tenha o poder e a capacidade de fazê-lo acontecer.

Diante da exigência de felicidade, de sentido da vida, que surge em nós, normalmente respondemos que algo precisa ser construído ou eliminado, algo que podemos fazer para dar significado à vida. E pensamos que o senso de desproporção, de incapacidade seja uma falha momentânea que será corrigida com o tempo, eliminada através do esquecimento ou, às vezes, com a oração. Normalmente, de fato, dizemos: “Não sou capaz. Mas se Deus me ajudar, conseguirei obter aquilo que quero”. Quantas vezes nossa oração se torna um pedido a Deus para nos ajudar a realizar a resposta que nós temos em mente, que pensamos como certa.

Esta é a nossa posição diante da vida: pretendemos conhecer o sentido de todas as coisas e, assim, sermos capazes de realizar o sentido da vida. Esta é a modernidade, a cultura dominante: a exaltação da ideia de que o homem pode ser deus, realizado, perfeito, sem necessidade de um relacionamento com Deus, e que tudo aquilo que não está dentro da minha medida deve ser temido ou esquecido. Esta é a nossa posição: eu respondo à pergunta e, se não dou conta, peço ajuda, peço a Deus que me dê força para levar a cabo a “minha” resposta.

Mas a experiência mostra algo muito diferente. Os particulares da vida (os amigos, a escola, a família, o dinheiro) não parecem ter a capacidade de dar uma resposta à altura do meu desejo. Exigimos tudo do amor, do amor por uma mulher ou por um homem, exigimos tudo das eleições, exigimos tudo do dinheiro, mas nada é suficiente; tudo, no fim, desilude, não leva à libertação esperada, ao contrário, nos torna violentos e, no tempo, até os amigos começam a incomodar, a própria vida incomoda. Escutem o que diz essa amiga: “Não aconteceu nada de particular nem de grave, mas tudo começou, lentamente, a me incomodar. Acordar de manhã me incomodava, ir à escola me incomodava, estar com os amigos me incomodava e até as pessoas que obstinadamente continuavam me amando me incomodavam. Em suma, a vida inteira me irritava”.

Todos nós acabamos sendo vítimas dessa mentalidade dominante, que pretende fazer do aparente a resposta para o desejo do homem. Estamos convencidos de que nós somos os donos da nossa existência e do nosso destino, mas isso só leva à desolação. Todas as tentativas não levam a nada além da desolação. Quanto mais nos convencemos de que podemos conseguir sozinhos, mais nos desiludimos, mais nos tornamos inseguros. Quanto mais acreditamos que seja possível fazer por nós mesmos, mais nos afogamos. Uma de vocês escreve: “Do canto à escola, ao baile, aos amigos, à família. Embora sejam todas coisas importantíssimas para mim, não são suficientes [...] porque todas me desiludem. [...] A cada momento que passa, sinto-me cada vez mais hesitante, acredito que me levantei, e caio, me esforço sozinha e, no momento seguinte, volto a chorar”. Não corresponde! Nós imaginamos o que vai nos fazer felizes, procuramos conseguir isso e acabamos ficando desiludidos. Outra pessoa escreve: “Quando acho que estou fazendo algo para o meu bem, caio na mais abissal paranoia, que de certa forma pode ser comparado com o desespero de Schopenhauer: ‘A vida é como um pêndulo que flui incessantemente entre a dor e o tédio através de instantes fugazes de felicidade’, [...] mas posso considerar isso viver? Pareço quase um robô que se comporta mecanicamente como que alimentado por um interruptor, não encontro mais sentido nas amizades, [...] estou cansada até das pessoas que estão perto de mim”.

A vida é um pêndulo que flui incessantemente entre a dor e o tédio⁴. Quanto mais você afirma o seu poder, a sua capacidade, mais se torna violento consigo mesmo e com os outros. O outro, o desconhecido, é imediatamente percebido como inimigo. Percebemos o outro como um obstáculo porque não corresponde à nossa imagem e, assim, os relacionamentos com as pessoas se tornam violentos, quer dizer, tornam-se relacionamentos de poder.

A experiência faz emergir em nós uma incapacidade *quase* ontológica, porque nos momentos em que a insatisfação não pode mais ser escondida, o homem que se pensa como medida de tudo fica sozinho, como um deus sem companhia. As mãos tentam agarrar, acariciar o rosto amado, mas não há relacionamento. Tudo morre e acaba. Uma solidão abissal que em última instância leva a um ódio por si mesmo, como já descrevia Nietzsche: “Um dia, o viajante fechou a porta atrás de si e

chorou. Depois, disse [escutem o que ele diz]: ‘Como odeio este desejo ardente do verdadeiro, do real, do não aparente, do certo!’⁵.

A mentalidade dominante, que é senão uma exaltação do pecado original, afirma: “Você pode ser deus, sem Deus”. Mas, sem o relacionamento com Ele, o homem está sozinho, desintegrado, e a inquietude se torna angústia. O homem não é mais maravilhado pelo desconhecido, não é atraído, mas teme, fica assustado pelo próprio limite. Tudo se torna condenação, até o próprio eu. Tudo é reduzido, inclusive o desejo, a algo que pode ser obtido só com a nossa capacidade. Cantemos juntos *Sometimes*.

Sometimes

DESISTO DE TENTAR SER FELIZ

“Desisto de tentar ser feliz”⁶. Com essa afirmação sincera e desesperada, o escritor Jack Kerouac explicita a modalidade com a qual, normalmente, eu e você vivemos a vida. A felicidade não pode ser criada, nem é possível continuar sendo si mesmo na busca por ela, parece impossível e, assim, desiste-se de tentar ser feliz. Uma de vocês escreve: “Sabe, não alcançar a Felicidade durante tantos anos faz você ficar cansado e sem forças. Assim, agora me sinto no fim do caminho, não sei o que fazer, tenho o coração cheio de cicatrizes, a camiseta suada, os sapatos gastos, mas ainda não vejo o topo e, embora saiba que ele existe porque já estive lá, não encontro o caminho para alcançá-lo”.

O homem não é capaz de dar a si mesmo a felicidade, nem tem a energia para ser si mesmo e para viver a vida escutando as próprias perguntas; e, assim, com o passar do tempo, desiste de tentar ser feliz.

Todos os homens sentem a urgência do coração, mas a dor é muito grande, caem por terra e ficam lá, parados. Depois de gastar a juventude tentando agarrar algo que possa realizar a vida, desejando ser escandalosamente feliz, corre-se o risco de se render. E este render-se contém uma afirmação implícita: “Mas, quem se incomoda?, não importa”. É uma mentira que todos conhecem, nunca dita em voz alta. Afirmamos que não há nada que possa ser feito para satisfazer o grito do coração e, como ouvir esse grito, essa urgência, dói, então desistimos e dizemos, mentindo: “Tudo bem”.

Como muitos de vocês, Kerouac se rebela ao pensar que a felicidade não pode ser alcançada, mas não pode eliminar a impressão da imponência de um deserto árido na própria vida. Pensem que ele escreve: “Na minha vida, já tive duas mulheres: uma, mandei embora e, da outra, fugi; tive centenas de jovens amantes e cada uma delas foi traída por mim, ou enganada de algum modo. [...] Agora olho meu rosto no espelho e o acho repugnante”. Em um instante de sinceridade sofrida, rende-se, explicitando aquilo que todos, em última instância, acreditam, porém sem nunca dizer:

“Tudo vai ficar bem, a desolação é desolação [...] e a desolação é tudo o que temos e, depois, a desolação não é assim tão mal.”⁷.

A proposta da cultura dominante é, no fim, terrível: tudo é igual, faça o que bem entender porque, no fundo, nada tem valor. Aceita, implicitamente – sem dizê-lo –, não ser feliz. Esta é a miséria humana: o esquecimento do eu, uma abdicação existencial. É exatamente aqui que está radicada a angústia da vida, hoje. O objetivo da vida não é mais a descoberta, não é mais a aventura, mas a defesa burguesa do pouco que se tem, a tentativa de eliminar e enganar com outras coisas qualquer tomada de consciência do grito do coração, do próprio eu. Este é o seu drama, o meu drama.

O homem, incapaz de ser si mesmo, sente que não tem energia para viver. “Desisto”, diz Kerouac. O homem escolhe o pessimismo profundo e total. Um pessimismo que resulta em uma perda do gosto de viver, favorecendo uma mentalidade burguesa sem muitos altos e baixos. As coisas vão medianamente bem. Certo, há altos e baixos, mas o importante é que a média seja aceitável, e o trabalho da vida não seja mais encontrar a resposta para o desejo, mas esconder a pergunta com distrações, com uma coleção de “experiências” a serem realizadas que, por um instante, dão a impressão de estarmos vivos, que nos ajudam a nos iludirmos de que somos capazes. Uma coleção de emoções que esconda a dor imensa de uma vida dedicada ao nada e, então, você pode se embriagar, fazer cortes nos braços, pode estudar como um louco. Tudo para esquecer esse grito do coração!

O ideal da vida torna-se, facilmente, a vida burguesa, e passamos a nos preocupar com a sensação que experimentamos naquele momento, ou com a opinião dos outros. Reduzimos o desejo de felicidade e de amor a uma emoção. A proposta da mentalidade moderna é: conformem-se, desistam de tentar ser feliz. A tentativa do homem corajoso de encontrar o infinito é substituída pela aceitação de ser moribundo. Assim, a razão torna-se a afirmação de uma ilusão, e a liberdade, o sustento de uma mentira.

Esta é a escolha que fez o homem contemporâneo: odiar a si mesmo, fechar a porta ao ímpeto do coração, rebelar-se contra a natureza do próprio coração. Esta é a miséria do homem moderno: tirar de si o Mistério. Mas, desse modo, não se tornou livre, mas escravo, escravo da tirania da maioria, que prega o esquecimento. Dessa maneira, o homem não é livre, não é si mesmo. Cantemos *Non son sincera*.

Non son sincera

A NOSSA GRANDEZA

Em contraposição a essa desilusão, ressoam com força as palavras do Papa Francisco na Jornada Mundial da Juventude: “Tende a coragem de ir contra a corrente. Tende a coragem da felicidade!

Dizei não à cultura do provisório, da superficialidade e do descartável, que não vos considera capazes de assumir responsabilidades e enfrentar os grandes desafios da vida!”⁸.

A nossa grandeza está nessa disponibilidade original do coração à felicidade infinita, à beleza infinita, disponibilidade que todos nós podemos destruir com o esquecimento, o desespero, a distração, a indiferença.

Ser homens, ser “loucos” pela vida, desejosos de tudo e ao mesmo tempo, nunca amedrontados; e livres. Isso me interessa! Interessa não comprometer de modo algum o desejo do coração; quero viver até o fim essa nostalgia de alguém que possa realizar a minha humanidade. Não quero censurar o eu. Não quero desistir. Não me resigno, não desisto de tentar ser feliz.

Meus amigos, ajudemo-nos, nestes dias, a descobrir essa ternura por nós mesmos, porque a nossa companhia é para ir contra esse pessimismo. A nossa companhia é companhia de luta pelo humano, pelo intensamente humano. Se isso é favorecido, a vida cresce, torna-se algo grande, capaz de coisas grandes. Catarina de Siena dizia: “Não se contentem com as pequenas coisas. Ele, Deus, os quer grandes”⁹. Cantemos *La guerra*.

La guerra

VEJO O DESERTO AVANÇAR E...

Uma de vocês escreve: “Este ano, na escola, meu mundo desmoronou. Todos os professores das matérias fundamentais do curso, que eram ótimos, foram substituídos por péssimos. [...] Sinto que meu desejo de aprender foi sufocado por essas pessoas, sinto-me perdida. Não consigo mais ter vontade de estudar. Não consigo mais ter vontade de ir à escola. [...] A minha volta, vejo só um deserto, e nenhum modo concreto de melhorar isso”.

Então, qual é a resposta a essa urgência? Se o meu poder não pode responder e, no fim, me leva a desistir da tentativa de encontrar a felicidade, então, o que fazer? O que fazer com esse deserto? Qual é a alternativa?

Dom Giussani escreve: “‘Vejo o deserto avançar, mas aquilo que se percebe do deserto não pertence ao deserto’: tudo termina no limite e na dor”, mas eu e você, que nos damos conta do limite e da dor, não pertencemos ao limite e à dor. “Esta é a natureza da razão, esta é a natureza do coração do homem [...], o fato de que a pessoa, enfrentando qualquer coisa, percebe o seu limite e é ferido por ela [...]; o fato de que [...] alguém percebe o limite e a desilusão [...] e de que isso não o paralisa, mas o torna mais intenso [...], documenta que ele não pertence ao limite e à dor e, por isso, é como que impulsionado, impelido, levado a tentar agarrar outra coisa”¹⁰. A experiência do limite, a experiência da desproporção entre aquilo que eu posso alcançar e aquilo que eu desejo documenta que eu não pertenço a este mundo, documenta a necessidade de um Outro, a quem eu pertenço. Eu não pertenço ao limite e à dor. O meu limite é, por si só, afirmação implícita de um Outro. A

experiência que você faz indica o caminho: aquilo que você deseja é outra coisa, algo diferente do deserto que você pode gerar. Você pertence a outra coisa, é outra coisa. Vê avançar o deserto, a morte, mas o olhar que se dá conta do deserto não pertence ao deserto.

A busca de todo homem é encontrar alguém que lhe revele o eu, que lhe permita ser verdadeiramente si mesmo, verdadeiramente feliz. Eu e você não podemos viver, não podemos conhecer a não ser na companhia de um outro, estranho a mim e, no entanto, profundamente correspondente. Isso é dramático. O encontro é dramático, tem nas suas próprias dobras uma dramaticidade pela qual é necessária a capacidade de estupor para aceitar que algo estranho a mim, que não sou eu, mas que sinto como meu, seja o fator da minha libertação. É paradoxal: que um outro além de você, estranho – não você –, corresponda ao seu coração, exerça um fascínio de correspondência com aquilo que você é. Este é o paradoxo: para afirmar a mim mesmo devo ser Tu, Outro além de mim. O coração do homem é relacionamento com o infinito, é exigência de infinito, exigência de um Outro que lhe diz: “Sou como você: eu sou o seu coração; sou outro além de você, porque sou diferente de como você me pensa, mas sou a sua realização”. É esse Outro que você precisa compreender, abraçar, precisa fazer seu.

O coração aponta para, deseja algo de não imaginado, de absolutamente imprevisto e fascinante que corresponda à própria natureza original. Mas ao mesmo tempo eu percebo, com medo às vezes, uma estranheza que, algumas vezes, parece invencível. Como é possível? Como é possível que eu, para ser eu mesmo, precise ser tu? Como é possível eu ser fascinado, correspondido por algo que “não sou eu” e que não posso imaginar? É aqui que explode, por força, uma luta, que está nas dobras de toda a realidade: a dramaticidade de ser destinado a ser realizado por um outro que não sou eu.

Essa luta entre dizer “Eu sou, eu faço, faço sozinho” e “Sou tu”, indica todo o caminho da inteligência e do coração dos cristãos. Meus amigos, o olhar que se dá conta do deserto não pertence ao deserto: é um Outro, você é um Outro, destinado a Outro, a minha vida é um Tu, eu não sou deserto, sou Tu. Aceitar essa fascinante estranheza que se coloca em paradoxal contradição com a minha imaginação e com a minha capacidade é o caminho para a minha realização, porque sem Ele, na ausência d’Ele, eu não vivo, não tenho rosto; a vida – como se demonstrou também esta noite – se torna tédio. Ao contrário, viver com Ele, pertencer a Ele presente, dizer “Tu” enche a vida de letícia.

É essa misteriosa presença, é esse Tu que assegura a consistência do meu eu, do meu rosto. Essa presença do Tu é a presença que deve ser reconhecida, senão o eu se dissolve no vislumbre do cotidiano confuso. Esta é a dramaticidade da vida: a luta entre a afirmação de si como critério da dinâmica da vida, ou o reconhecimento dessa Presença misteriosa como fator dominante e constitutivo do meu rosto. Não mais eu, mas Tu vives em mim. Não mais eu com a minha

imaginação, com os meus projetos, com as minhas mãos, com o meu poder, com os meus afazeres, mas Tu. Isso é a libertação. Cantemos *Il mio volto*.

Il mio volto

A DECISÃO

Esta é a escolha, tudo se apoia sobre esta decisão: seguir a si mesmo e, como consequência última, desistir da tentativa de ser feliz; ou mendigar, porque olhando para a experiência, detecto o fato de que eu, exatamente porque me dou conta do deserto, dou-me conta também de que pertencço a um Outro. Você pode seguir a sua análise, os seus sonhos, ou mendigar. É essa decisão que se repropõe a você todos os dias, todas as manhãs quando você se levanta da cama porque, ou você se levanta com o olhar escancarado, cheio de ingenuidade, consciente de que a consistência do seu eu está no pertencer a um Outro, ou você se levanta com o cotovelo diante dos olhos para se defender da realidade, amedrontado.

É aqui que se realiza a liberdade do homem como decisão, como escolha: reconhecer o ser ou afirmar a si mesmo: ou reconhecer que fui criado por um Outro, escolhido por um Outro, amado por um Outro, necessitado de um Outro, em relacionamento com um Outro, ou afirmar a mim mesmo. Decidir ser escandalosamente feliz significa reconhecer que pertencço a um Outro profundamente correspondente e estranho; significa dizer sim porque quem não aceita depender, no fim, vai desistir, vai se perder, porque o que realiza o eu não pode ser imaginado por você, você não pode fazer acontecer, não é desse mundo porque, em última instância, você não é desse mundo. A verdade, a beleza não é uma medida humana, é a medida do Mistério.

Começamos dizendo que a estrutura original do coração é espera, é pedido por um Outro, exigência ativa e, portanto, realidade de relacionamento com o Infinito, com o Outro. O homem é necessidade de Outro, é relacionamento com um Tu que ele não pode imaginar. Lagerkvist dizia: “Quem és tu, que preenches o meu coração com a tua ausência? / Que preenches toda a terra com a tua ausência?”¹¹. Cantemos *Hoy arriesgaré*. Leio a tradução: “O drama da existência busca encontrar sua verdade. Quer ocultar Sua presença, Sua encarnação esquecer. [...] Minha vida pertence a Ele. Nada me impedirá”¹².

Hoy arriesgaré

MARIA

Todos os homens, sem exceção, sentem essa – chamemos assim – contradição, essa desproporção: que eu sou desejo de um Outro e que esse Outro desconhecido é a minha realização. Até Maria, a mãe de Deus, sentiu isso, sentiu a estranheza dentro da proposta do Mistério, sentiu a impossibilidade de reduzir a uma medida humana o modo com o qual o Mistério lhe propunha

realizar a promessa feita ao Seu povo. Mas ela disse “Sim”, e o disse de maneira razoável, porque afirmou que a medida da beleza da vida não era sua, não era capaz de alcançar aquilo que o Mistério dizia. No mistério daquele instante em que o Anjo veio a Maria e disse “A realização da promessa que vocês esperavam acontecerá em você de um modo que você não imagina, de um modo que você não consegue alcançar com a sua inteligência”, ela imediatamente perguntou: “Como isso é possível?”, mas, de repente, afirmou: “Faça-se em mim segundo a tua palavra”¹³. É razoável seguir um Outro, afirmar este Outro tão correspondente, mais do que afirmar a si mesmo. Maria disse: “Faça-se em mim segundo a tua palavra”. Disse sim. E este “sim”, a energia deste “sim” é a força da liberdade que adere, que diz: “Sim, Te reconheço, Te afirmo”.

Todos nós somos chamados a aderir à figura da Virgem Maria, porque a verdade de mim mesmo é que não me faço por mim, fui criado, sou de um Outro. E, por isso, pedir, mendigar é a verdadeira estatura do homem: ser mendicante de amor, de beleza. A nossa existência é mendigar. O homem é pedido, espera, enquanto tem consciência do próprio limite e decide não ser definido pelo próprio limite, mas decide ser mendicante de Outro. Peçamos a Nossa Senhora que nos dê um coração simples, contente, capaz de aderir ao seu Filho. Peçamos a Nossa Senhora que nos proteja, que nos desperte, que nos sustente, que nos apoie, de modo que possamos afirmar com liberdade o desejo do coração: eu não desisto, quero grandes coisas, quero ser escandalosamente feliz. Terminemos cantando *Romaria*.

Romaria

PALESTRA, JOSÉ MEDINA

18 de abril, sexta-feira de manhã

Al mattino

Il Giovane ricco

Canzone dell'ideale

Ontem à noite, começamos falando – a partir do tema oferecido pela Jornada de Início de Ano – do nosso desejo de sermos escandalosamente felizes. Mas se, na tentativa de sermos escandalosamente felizes, reduzimos a razão àquilo que podemos fazer, à nossa medida, a única coisa que sobra é o deserto, o tédio, o cansaço e, diante disso, desistimos da tentativa de sermos felizes. A alternativa a essa abdicação existencial parte exatamente da nossa experiência. Diante da

imponência do deserto, eu digo: Não, eu não sou o deserto. O limite, a dor, o cansaço não sou eu, não sou destinado a morrer e pronto. Eu pertença a outro.

O coração do homem é relacionamento com o infinito, é exigência de Outro, mas ao mesmo tempo, é incapaz de gerar outro além de si. Isto é paradoxal: que um outro além você – não você –, corresponda ao seu coração, que exerça um fascínio de correspondência àquilo que você é; que para ser eu mesmo precise afirmar um Tu, Outro além de mim. O coração deseja algo de inimaginável, de absolutamente imprevisto e fascinante que corresponda à própria natureza original. Mas, ao mesmo tempo, eu percebo, às vezes com medo, uma estranheza que algumas vezes parece invencível. Como isso é possível? Como é possível que eu, para ser eu mesmo, precise ser tu? Como é possível que eu seja fascinado, correspondido por algo que “não sou eu” e que não posso imaginar? É aqui que explode, por força, uma luta. Diante da alteridade, facilmente recuamos, muitas vezes até pedindo a Deus para nos tirar desse drama que define, por si, o que seja ser homens. Mas este, caros amigos, é o pietismo modernista: pedir a Deus que me ajude a eliminar a mim mesmo.

É preciso atravessar a soleira, não ficar cimentado na ideia de que eu, com o meu poder, com a minha capacidade e com um pouco de ajuda divina nos momentos difíceis, consiga resolver as coisas, consiga sozinho. É preciso entrar em relacionamento com esse Tu pelo qual você é feito.

Certo, que a vida pertença a um Outro, o fato de que você não se faz por si, é evidente, mas que isso se torne o meu “pensamento dominante” na ação cotidiana não é automático. Temos boas intenções, mas o encontro feito que, de um modo ou de outro, trouxe você aqui hoje, ainda não se tornou pensamento dominante do seu ser e do seu agir. Então, esta é a pergunta mais urgente: como o encontro se torna pensamento dominante do meu ser e do meu agir? Repito: como é possível que o encontro feito se torne pensamento dominante do meu ser e do meu agir?

A ALIANÇA

Deus interveio para se mostrar capaz de tornar humana a vida do homem. Consciente do fato de que você não pode ser si mesmo sozinho, Deus emergiu de dentro da realidade para restabelecer o Seu relacionamento com você. Ele revelou ao homem o rosto do seu destino, revelando a Si mesmo através da Sua companhia. Foi assim para Abraão, para Maria, para Pedro e continua sendo assim também para você. Um acontecimento entra na sua vida, Deus se envolve colocando-se junto a você como fator dominante e determinante que dá significado à sua existência.

Abraão também ouviu o convite de Deus, que lhe dizia: “Saia de si, daquilo que você imagina ser a realização da sua vida e entre, atravesse a soleira, entre dentro daquilo que eu lhe indico, saia das suas ideias, da sua imagem de realização, dos seus projetos, e me segue”. Ao convite de Deus “Deixa a tua terra, teus parentes e a casa de teu pai e parte para a terra que eu te mostrarei”¹⁴, Abraão disse sim. E disse sim porque reconhecia em Deus, como mistério, uma autoridade evidente,

uma correspondência a si mesmo. Isto lhe mostrava o caminho: Deus se apresentava como o senhor da sua existência. Essa é a razoabilidade. É mais razoável escutar e seguir um Outro do que seguir a própria ideia, do que confiar na própria capacidade. Abraão chegou a essa convicção no tempo, através de uma familiaridade vivida com aquela Presença misteriosa que desde o início correspondia ao seu desejo de ser grande.

Abraão comunicou a Deus também o próprio desejo, do modo como entendia. Disse a Deus: “Vós não me destes posteridade, e é um escravo nascido em minha casa que será o meu herdeiro”. Mas Deus responde que não será assim: “Não é ele que será o teu herdeiro, mas aquele que vai sair das tuas entranhas”¹⁵. Também a esse anúncio, Abraão disse sim.

Mas esse caminho de familiaridade com o Mistério não é de forma alguma automático, é dramático. Sara, a mulher de Abraão, diante do anúncio de que ela, já velha, conceberia, disse: “Não, como isso é possível? ”, e ri, cética, duvidando de que Deus pudesse realmente fazer aquilo que tinha prometido¹⁶. Abraão, ao contrário, diante da alteridade, diante do fato de que Deus tenha lhe dito: “Eu vou cumprir a minha promessa, mas de maneira diferente daquilo que você imagina”¹⁷, escolheu afirmá-Lo, escolheu afirmar o projeto de um Outro, obedecer à correspondência que sentiu no coração.

Certo, a pessoa pode dizer: “É fácil obedecer o Outro quando a minha ideia de realização coincide com a vontade de Deus. Mas é muito mais difícil quando a realização que eu imaginei para mim não coincide com a Sua vontade”. Isso também aconteceu com Abraão quando Deus lhe pediu para oferecer o filho que havia lhe dado: “Toma teu filho, teu único filho [aquele que ele tinha pedido a Deus] [...], e vai à terra de Moriá, onde tu o oferecerás em holocausto sobre um dos montes que eu te indicar”¹⁸. Quando a realização não coincide com a minha ideia, com a minha imagem, então temos dificuldade. É aqui que a luta começa, que começa o drama de ser homem; diante do real, diante das circunstâncias cotidianas, coloca-se a pergunta de Deus: “Você confia em mim?” e a do homem: “Tu me amas, me protege?”. Abraão tinha tanta certeza, a consciência que ele tinha de si era tão dominada pelo relacionamento com o Senhor, que disse sim.

Num determinado momento da história de Israel, a mesma pergunta foi dirigida a Moisés. Deus libertou o povo, o fez sair do Egito, prometeu conduzi-lo à Terra Prometida, deu-lhe de comer, protegeu-o, mas, para os israelitas, a maneira como isso acontecia não era aquilo que eles imaginavam e, então, perderam a paciência e esqueceram Deus. Nos momentos de dificuldade, nos momentos em que a própria imagem não coincide com aquilo que Deus preparou para o meu bem, emerge o drama e nasce o “porém”, o “mas”. “Mas, como é possível?”. “Por que é assim?”. “Tem certeza de que isso é para o meu bem?”.

Nos momentos em que as circunstâncias parecem afirmar o contrário da realização imaginada por nós, quando elas se apresentam como sacrifício porque não são como nós as imaginamos, o que

afirmamos? Nós mesmos ou um Outro? Esse é o drama que se apresenta diante dos olhos de vocês todos os dias. A todo instante, você tem diante de si dois caminhos: ou afirma o seu projeto, a sua ideia, a sua imagem, ou afirma o desígnio de um Outro. Essa é a escolha radical. É a escolha, meus amigos, entre a vida e a morte. Afirmar que em última instância nada tem sentido, que tudo é igual porque tudo é destinado a morrer, ou afirmar um Outro, isto é, pedir. Cantemos juntos *Ma non avere paura*.

Ma non avere paura

DEUS VEM AO ENCONTRO DO HOMEM

Em sua ternura, Deus quis facilitar o seu caminho. Quis zerar a distância entre o homem e o Mistério. É um fato que aconteceu. Deus entrou na vida segundo uma forma humana, de modo que você possa alcançá-Lo com o seu pensamento e a sua afetividade.

João e André, os dois que seguiram Jesus às margens do rio Jordão, foram os primeiros protagonistas, depois de Maria, dessa reconquista do humano: eles foram os primeiros a encontrar uma presença excepcional, não imaginada por eles. Vivendo com Jesus, experimentaram uma correspondência que nunca tinham experimentado antes, nem mesmo diante das coisas mais bonitas.

Mas, assim como aconteceu com Abraão e Maria, a um certo ponto, Jesus também se apresentou a eles em sua alteridade última. Ninguém era como Ele. Não se podia “explicá-Lo”. Um dia, ele disse: “Se não comerdes a minha carne e não beberdes o meu sangue, não tereis a vida em vós mesmos. [...] Quem come a minha carne e bebe o meu sangue permanece em mim e eu nele”¹⁹.

Esse é o drama, a luta. Amigos, essa é a Comunhão, a Eucaristia. Diante dessas palavras, dentro da experiência de correspondência que os discípulos viveram com Ele, nasce a pergunta: “Como é possível? Eu não posso nem imaginar aquilo que você está dizendo”. Jesus percebe isso, e diz: “Isto vos escandaliza? [...] Quereis também vós retirar-vos?”. Naquele dia, na sinagoga, todos experimentaram o mesmo arrebatamento. Alguns começaram a gritar. Outros queriam matá-lo. Muitos foram embora. Mas Pedro, diante daquela pergunta desconcertante, não parou, não se deteve. Um pouco surpreendido, mas fundado na experiência de correspondência vivida com Ele, Pedro disse: “Mestre, nós não entendemos nada, mas, se formos embora, para onde iremos? Somente Tu tens palavras que dão sentido à vida. Se não creio em Ti, não posso confiar nem mesmo nos meus olhos”²⁰.

A resposta de Pedro não foi ditada pelo fato de que ele entendesse mais, ou que era mais disposto, mais capaz do que os outros. Sua resposta nascia da experiência de correspondência que fez vivendo com aquele homem. O ponto de partida de Pedro é a experiência de uma

correspondência não imaginada, que está além da sua medida. A sua resposta nascia da convicção que surgiu do relacionamento com Jesus.

Pedro, profundamente razoável, escolheu não ser definido pelo próprio limite, pelas coisas que ele podia entender ou não, pelo próprio medo. Pedro não partiu de uma imagem sua, dos seus preconceitos, mas da experiência de correspondência que fez vivendo com aquele homem que, quando falava, mudava a vida, fazia o coração saltar. Pedro o percebia como verdadeiro porque o coração saltava em seu peito, vibrava dentro dele. Talvez não conseguisse entender muita coisa, mas reconhecia que era verdadeiro.

Pedro foi derrubado por Jesus, por aquele homem que, com o olhar, tinha revelado o seu ser. Foi convencido por aquele olhar que abraçava a sua história sem ignorar nada. Sentiu-se agarrado por Ele, de tal modo que era natural, quase natural, afirmar Cristo, ao invés de afirmar o próprio medo. Era razoável afirmar aquela intuição de verdade, de verdadeiro que ele tinha percebido.

Para muitos, Jesus era alguém interessante (até fazia milagres), mas para Pedro tinha se tornado o fator dominante da vida. Diante daquela pergunta desconcertante, ele decidiu aderir à intuição do verdadeiro que se revelara no relacionamento com Ele, ao invés de à própria ideia. Como Abraão e Maria, Pedro também reconheceu aquela Presença profundamente misteriosa e, ao mesmo tempo, familiar.

O jovem rico do qual fala o Evangelho também sentiu o arrebatamento. Aquele jovem encontrou Cristo e ficou fascinado por Ele, a ponto de correr em Sua direção perguntando: “O que devo fazer para ter a vida da qual tu me falas?”. Jesus lhe respondeu: “Vende tudo o que tens e vem comigo”²¹, com um convite que era diferente daquilo que aquele jovem tinha imaginado. E ele decidiu afirmar a si mesmo, aquilo que possuía, ao invés de afirmar a intuição suscitada por Jesus. Fazendo assim, desistiu, porque decidiu ser definido pelo próprio limite e ficou assustado, escravo das próprias coisas. Tinha medo de perder aquilo que possuía (aquela vida burguesa da qual falávamos ontem), negando a intuição da verdade e, por isso, foi irracional, porque aquela intuição do verdadeiro tinha existido, não podia ser negada.

Essa contradição está em todos nós; essa ambiguidade profunda que se infiltrou nas raízes do nosso ser é o pecado original, aquele ponto dentro de nós que resiste a aderir à intuição de que para ser eu mesmo, preciso ser Tu, um Outro, que a realização da minha vida coincide com o identificar-se com um Outro. Parece-nos perder alguma coisa, morrer, perder a nossa individualidade.

Mas é exatamente nesses momentos de sacrifício e de dificuldade que a nossa autoconsciência se revela. São as circunstâncias adversas que nos chamam a “desvelar os pensamentos” do nosso coração. É exatamente nessas situações que o coração deve obedecer ao encontro, deve aderir à intuição do verdadeiro que teve. É exatamente nessas circunstâncias cotidianas que o coração deve obedecer ao Mistério, como Abraão obedeceu a Deus. Somos chamados a obedecer nessas

circunstâncias – quando a mãe está doente, quando sentimos tédio nas aulas, ou quando uma amiga morre –. Como é possível viver sem a consciência desse amor irrefutável que perdoa e abraça sem medida?

Não tenham medo da “loucura” de vocês – não importa o grau que atinja dentro de nós –, porque somos abraçados por Ele, somos abraçados por Jesus, que tornou-se homem para que você pudesse vê-lo, morreu na cruz para que você pudesse vê-lo. Morreu para que eu pudesse dizer, finalmente: “Eu sou eu porque Tu vives em mim”. “Vivo, não eu, mas Tu, em mim”²².

A aspreza do caminho, a dificuldade não é uma objeção, mas uma oportunidade abençoada para afirmá-Lo e, portanto, para sermos verdadeiramente nós mesmos, para afirmarmos a intuição do verdadeiro, ao invés da nossa ideia. Isso só é possível se Jesus está presente. Escutemos *Ojos de cielo*.

Ojos de cielo

SEGUIR

Então, se não basta encontrá-Lo (porque o jovem rico O encontrou) e se somos conscientes da pergunta sobre como esse encontro pode se tornar pensamento dominante (como aconteceu com Pedro, com Abraão e com Maria: dizer sim), qual é a conclusão? Que o encontro é o início de um relacionamento que continua como seguimento. Mas Jesus introduz um modo diferente de seguir daquele proposto por outros mestres da lei, ou pelos filósofos. O seguimento proposto por Cristo implica uma companhia, implica participar colocando-se por inteiro. Seguir não é aprender a fazer coisas, ou uma teoria, mas “viver com”: comunhão. Nenhum mestre no tempo de Cristo colocava no centro da vida o seguimento, o participar da sua vida. Muitos indicavam o caminho para a verdade: ‘Você deve fazer assim’, ‘Reze deste modo’, ‘Quando essas coisas acontecem, faça desse modo’, mas Jesus propunha colocar no centro do próprio ser a Sua própria vida, a participação na Sua vida como fator essencial do caminho.

Para nós, assim como foi para os discípulos, seguir quer dizer identificarmo-nos com Ele, envolvermo-nos em uma experiência viva através da qual o Seu dinamismo, o Seu gosto de viver “passa” para dentro de mim, quase por pressão osmótica: é um coração novo que se comunica ao meu, é o coração de um Outro que começa a se mover dentro do meu. É Ele que começa a viver dentro de mim. Para seguir, é preciso fazer uma comparação crítica entre o meu coração e o olhar de quem guia. Seguir não é fazer o que mestre diz, mas entrar dentro do olhar de um outro.

Por isso, seguir implica um trabalho: a comparação crítica entre o coração e a proposta feita. Um trabalho de modo algum automático, porque implica ser leal com as próprias exigências originais, com o próprio desejo de felicidade. Implica uma atenção leal à proposta feita, sem reduzi-la na ânsia de encontrarmos, nós, uma resposta, porque normalmente nós reinventamos a proposta que

nos é feita segundo a nossa imaginação. Por exemplo, se nos dizem: “Façam silêncio”, reagimos pensando: “Tudo bem, você disse ‘Façam silêncio’, mas não significa silêncio, silêncio”; reinventamos. Somos convidados a participar de um gesto estando inteiros e nós, ao contrário, aderimos àquilo que, aparentemente, mais nos agrada. E, assim, ficamos fora, na soleira, não entramos no relacionamento com este Tu, ficamos no nível do “mas, porém, como é possível?”.

Leio para vocês a carta de um amigo, que exemplifica a experiência de seguir: “Apaixonei-me por uma menina que não mora na Itália. Logo entrei em crise, porque sempre achei que gostar coincidissem com o relacionamento físico. O problema é que não a vejo desde o verão. O que é mais difícil para mim é o fato de que descobri que sou escravo do celular porque é o único instrumento que tenho para ouvi-la e, portanto, não conseguindo mais viver só para o celular [porque ele se levanta de manhã e imediatamente vai verificar se ela lhe escreveu], coloquei o problema na Escola de Comunidade”. Simples: ele tem o desejo de amar e lhe parece que a distância seja um inimigo, não consegue viver. Então pede ajuda aos amigos, não se rende diante da urgência que tem de ser “escandalosamente feliz”. Continua: “O que me impressionou da Escola de Comunidade foi a colocação de um dos meninos [...]. Minha primeira reação diante do testemunho dele, foi: ou ele é um fanático [aquilo que diz não é possível] ou eu também posso amar fazendo as coisas que tenho que fazer, vivendo a minha vida [e ele arriscou nessa segunda possibilidade]. [...] Passados alguns dias, [...] me aconteceu uma graça que não sei bem como explicar; [...] estava comendo com meus amigos e fiquei comovido porque dei-me conta de que ali, com aqueles quatro amigos, estava acontecendo algo grande que me fazia amar a minha namorada mesmo que ela não estivesse comigo ou não tivesse me escrito [...]. Acontecia alguém, Alguém que me fazia amar de verdade a minha vida, [...] percebia um bem em mim, [...] eu a amava e parecia que ela estava ali com a gente. Não posso esquecer esse fato; não é que eu estivesse bêbado ou tenha imaginado, aconteceu. Tenho necessidade de retribuir o amor a este Alguém, de dizer o meu sim [...]. Portanto, desejo muito ir ao Tríduo porque quero passar três dias com Jesus”.

Este é o ponto: seguindo, que significa dizer sim, encontro uma realização que não tinha imaginado. Aquele rapaz não pensava que fosse possível amar a menina sem estar perto dela e, ao contrário, a distância deixou de ser um obstáculo, tornou-se uma oportunidade para encontrar um bem. Então, seguir é dizer sim aderindo ao Mistério através do instante; isto é, seguir uma ordem que já existe e que não é sua. Identificar-se com alguém que faz surgir dentro de nós a exigência do coração, que torna a vida “movimento”. Seguir, obedecer, dizer sim. Seguir nas circunstâncias, inclusive naquelas que se apresentem como sacrifício.

Amigos, depois do encontro, ainda podemos ter dificuldade. Até Abraão se lamentou, Moisés tremeu. Ninguém é poupado do drama de ser homem. Mas há sempre a possibilidade de uma escolha: a solidão e a desistência, ou a adesão ao Ser. Normalmente, diante da primeira dificuldade,

nós criamos uma objeção e dizemos: “Não é possível”, e chegamos até a rezar, pedindo: “Senhor, não quero esse drama”, recuamos e, assim, pouco a pouco, caímos no ceticismo. Ao contrário, aquilo que em nós não deve nunca faltar é a adesão leal à correspondência percebida: quando a emoção não acontece mais, quando não sentimos mais a impacto inicial do encontro, o que deve permanecer em nós é a adesão leal a Cristo, a afirmação daquilo que Ele fez, daquilo que Ele deu a você. Essa afirmação é a coisa mais razoável que existe; reconhecer o Ser, ao invés de afirmar o meu nada.

A autoconsciência, o fato de que o encontro se torne o pensamento dominante da vida acontece dentro do seguimento. Cantemos *Lasciati fare*.

Lasciati fare

O FRUTO DO SEGUIR

Este encontro se torna o pensamento dominante do meu ser e do meu agir – vemos isso na vida dos apóstolos, na vida de Pedro – quando vivo com Cristo (comunhão), quando digo sim não à ideia, à reinvenção daquilo que aconteceu, mas à intuição do verdadeiro, à correspondência experimentada.

Então, é justo perguntar-se qual é a consequência existencial do seguir, isto é: o que acontece em mim? Quando você segue, quando vive com Cristo, redescobre a si mesmo reconhecendo e pertencendo a Ele, dizendo-Lhe sim. O sentimento do eu que surge do pertencer é como o de um parto, é uma realidade nova que você não podia imaginar. Escutem esta carta: “A minha experiência nos Colegiais começou cerca de um ano atrás, quando posso dizer que me encontrava exatamente como Dante no início da *Divina Comédia* [bonito, isso!]: estava em uma espécie de selva escura. Era um momento um pouco negro da minha vida, e até aquele momento tinha seguido, com certeza, um caminho errado, embora a aparência parecesse a melhor e a mais cômoda [o burguesismo, caros! A mais cômoda, aquela que parece a melhor, a aparência]. Este caminho que fiz com os Colegiais foi como, para Dante, a viagem ao além-túmulo, fez-me abrir os olhos, e aprendi a olhar para a vida e para os relacionamentos humanos de um modo diferente, e me fez redescobrir a mim mesmo, o meu verdadeiro eu, porque até aquele momento tinha sido alguém falso, que não conhecia [bonita, esta carta!]. Tudo começou com um encontro, exatamente como quando Dante encontrou Beatriz. [...] Foi a mesma coisa para mim, o encontro com a minha “Beatriz” fez-me começar uma vida nova. [...] Me aproximei dela [...] porque tinha visto que dentro dela havia algo de especial, algo brilhante, como uma estrela. Assim, comecei a seguir [este é um de vocês]. Quer dizer, em outras palavras, comecei a entrar na vida dessa nova amiga, a estreitar um relacionamento de amizade com ela. Ela me fascinou pelo seu modo de pensar, pelo modo como enfrenta as coisas, pelo modo como se coloca e, sobretudo, pelo modo como se relaciona com os outros. Em suma, me

apaixonei pelo seu modo de viver. Já este impacto com ela suscitou em mim muitas coisas. Fez-me redescobrir uma parte de mim que já tinha esquecido. Com ela, podia ser eu mesmo [...] finalmente, graças à minha “Beatriz”, encontrei a MIM”.

Quando atravessamos a soleira e entramos em relacionamento com Cristo, com o outro, acontece uma mudança, uma transfiguração do nosso rosto. Não mais o meu olhar, mas o de um outro, o de Cristo. Quando dizemos sim, a maneira com a qual nos relacionamos com os outros, o modo de estar na aula, o modo de cumprimentar os pais, de viver a morte de uma amiga querida, tudo muda radicalmente. Nosso amigo continua: “No início não entendia bem o que era essa companhia. [...] Porém, tinha entendido só uma coisa. [...] De repente, me senti feliz, vi, na amizade deles e na ligação que tinham, algo especial que nunca tinha visto antes [uma correspondência]. [...] Com eles, conheci um novo tipo de amizade, verdadeiro e puro [...] [que] mudou notavelmente o modo com o qual encaro a escola. [...] Mudou completamente o meu modo de conceber a vida, ou, me fez entender que cada momento da nossa vida nunca é descartado”.

Quando a pessoa adere à intuição do verdadeiro, o instante readquire uma potência inesperada porque cada instante, cada encontro é dado para o meu bem, para mim. Essa é a promessa de Jesus aos apóstolos: “Quem me segue terá a vida eterna e o cêntuplo aqui”²³. Mas o cêntuplo aqui não são as coisas cem vezes mais do que você normalmente as sente ou as vê. É ainda mais. É uma outra coisa. É uma vida nova. É experimentar um bem mesmo nas circunstâncias difíceis que lhe causam dor, no mal, na distância. É experimentar uma vida que é mais vida, mais cheia de desejo, mais apaixonante. Quando o instante é vivido segundo a sua verdadeira natureza, que é a modalidade com a qual o Eterno lhe toma e lhe diz: “Vem”, e você diz: “Sim, eis-me aqui!”, então a vida se torna uma coisa grandíssima. Leio para vocês outra carta: “Em outubro, encontraram um tipo de doença em minha mãe. Nos primeiros dias em que fui visitá-la no hospital, sentia uma mágoa e, a um certo ponto, disse a mim mesma: aqui, há dois modos de viver: ou começo a viver esse sofrimento como se nada fizesse sentido (coisa que fiz inicialmente) ou começo a pedir, a perguntar por que isso aconteceu, como enfrentá-lo, como posso estar diante disso”. Aí está, de novo, o ponto decisivo: posso afirmar a minha ideia, condenando-me a dizer que nada tem sentido, que tudo é morte, que nada vale, ou posso afirmar um Outro e pedir, seguir, dizer sim. A carta continua: “Comecei a ir à missa todas as manhãs antes de ir à escola e pedi para poder olhar para aquele momento difícil não como um obstáculo. Realmente dei-me conta, neste período, de que aquilo que antes me parecia sem sentido [a doença da mãe] e que via só como um peso enorme, está me fazendo crescer. [Como é possível?] [...] Comecei a querer estar mais em casa, coisa que no ano passado queria evitar o máximo possível e, pouco a pouco, começo a olhar até para o estudo não só como uma coisa que me é imposta, mas como uma oportunidade [...]. Percebi que comecei a estar diante das circunstâncias de um modo que nunca tinha experimentado e, sobretudo, contente

[“sobretudo, contente”. Alguém que a ouvisse dizer isso, exclamaria: “Você é louca!”, de tanto que parece impossível aquilo que ela está dizendo]. Todas as manhãs, peço para que essa beleza que vi nestes meses, continue”.

O valor do instante não está na reverberação sentimental ou emotiva que ele gera, mas no fato de que você, dizendo “Sim”, tende a aderir ao grande desígnio de um Outro, tende ao Destino. O conceito do inútil é abolido para quem decide aderir. Nada é inútil. O útil, o belo, não é determinado por você, pelo seu limite, pelo modo como você sente, pela sua emotividade. Seguir Cristo na Sua companhia produz uma mudança, uma capacidade de relacionamento que é cem vezes maior do que antes. Esta é a vitória de Cristo: a redescoberta do humano. Cada momento da vida não é mais descartado.

Assim que você entra, que você atravessa a soleira abraçando essa estranheza, decidindo seguir, a consequência inexorável e imediata é um amor inesperado pelo instante no qual alguém se embate, não importa a forma que tenha: o amor ao homem que se encontra, amor ao trabalho, amor à doença, à dificuldade, ao sacrifício, à alegria, ao amigo.

Aderir à vontade de Deus, dizer sim, dá paz e letícia e lhe dá a energia para viver e agir. A companhia de Cristo transforma: muda o modo de ver as coisas, muda a inteligência, o modo de se afeiçoar, o modo de trabalhar, gera uma vida nova.

A fé cristã torna-se madura, cheia de convicção como a de Pedro, na medida em que você pode dizer que experimentou a realização dessa promessa, a mudança da vida, a vida nova que a adesão a Cristo traz. Cantemos *A New Creation*.

A New Creation

DA MORTE À VIDA: A VIRGINDADE

Gostaria de ler com vocês algumas passagens de um livro muito bonito que lhes recomendo se quiserem entender, ou melhor, se quiserem identificar-se com aquilo que foi dito, hoje. Chama-se *O anúncio feito a Maria*. É uma peça de teatro de Paul Claudel, na qual encontramos, quase de modo resumido, os conteúdos de hoje. Para ficar claro, conto um pouco da história.

A protagonista se chama Violaine, é uma mulher muito simples, cuja riqueza é a de responder com o coração, em cada instante, ao pedido que o Mistério de Deus lhe faz durante a vida. Tiago é o namorado. Ele é perfeito, trabalhador, fiel, preciso. Um homem, porém, para quem a medida da vida é o dever, assim como é percebido por ele. Ele não desperdiça a vida: tudo deve ser calculado, preciso e correto, mas segundo a sua medida.

No início, Violaine tem a sorte de que tudo aquilo que Deus lhe pede corresponde ao que deseja. É feliz. Vai se casar com um homem escolhido pelo pai, Tiago, que ela ama. Mas, para Violaine, essa correspondência simples entre a sua ternura, o seu desejo humano e a vontade de Deus de

repente se parte, rompe-se com um beijo. Com a mesma amorosidade com a qual ela obedece àquilo que lhe é dado pelo Mistério todos os dias, lança-se a compartilhar com Pedro de Craon (um construtor de Catedrais, leproso, que tinha tentado violentá-la) o amor recebido com um gesto de caridade muito simples: um beijo; um beijo por compaixão e para compartilhar a dor daquele homem, lhe dá e o anel de noivado, a única coisa que ela possuía.

Mara, irmã de Violaine, vê esta cena e, com ciúme, porque ela também está apaixonada por Tiago, corre ao noivo da irmã para acusá-la de traição. Tiago não acredita nela porque ele ama Violaine. Pensem: Violaine ama Tiago, e esse amor correspondido é também desejado por Deus e por seu pai. Tudo está perfeito. Mas aquele beijo de caridade dado no construtor de catedrais, leproso, tem consequências inesperadas. De fato, Violaine precisa dizer ao seu prometido esposo uma coisa terrível: naquela manhã, viu em seu próprio seio a primeira flor da lepra. Ela tornou-se leprosa. Violaine tem consciência de que a notícia colocará o noivo à prova, sente a mortificação, o drama. Não é que Violaine pense que Tiago não a ame, mas a resposta diante do sinal da lepra será a prova se ele a ama inteiramente. Violaine precisa dizer a ele.

Escutemos o diálogo entre os dois:

“Tiago: Então é verdade, Violaine, é hoje o dia do nosso noivado?

Violaine: Tiago, ainda é tempo, ainda não estamos casados! Se não quiseste senão agradar a meu pai, ainda podes mudar tua palavra, porque é de nós que se trata. Diz uma palavra somente; eu não te levarei a mal, Tiago. Porque ainda não há entre nós promessa alguma, e nem sei se te agrado.

T: Como és bela, Violaine! E como é belo o mundo em que tu existes; a parte do mundo que me estava reservada!

[...]

V: Tiago! Apesar de tudo não faço mal nenhum amando-te. É a vontade de Deus e de meu pai. És tu que tens obrigação de velar por mim! E quem sabe se saberás defender-me e preservar-me? Basta que me dê a ti completamente. Tudo o mais é contigo e não comigo.

T: E foi assim que te entregaste a mim, ó flor do sol?

V: Sim, Tiago.

T: Quem te roubará, então, dos meus braços?

[...]

V: Quem tomar uma mulher, fará com ela uma só alma numa só carne e nada mais os poderá separar.

T: Sim, Violaine.

V: Tu o quiseste! Não convém portanto que eu esconda nada e que guarde por mais tempo para mim esse grande, esse inefável segredo.

T: Outra vez esse segredo, Violaine?

V: Tão grande, na verdade, Tiago, que o teu coração ficará saciado, que não me pedirás mais nada e nunca mais seremos arrancados um do outro. Uma comunhão tão profunda que nem a vida, Tiago, nem o inferno, nem o próprio céu a farão acabar jamais, nem jamais farão cessar este momento em que eu to disse na fornalha deste sol terrível aqui presente que não nos deixava quase ver a cara um do outro!

T: Fala, então.

V: Primeiro dizes uma vez mais que me amas.

T: Amo-te.

V: E que sou a tua senhora e teu único amor.

T: Minha senhora, meu único amor!

V: Diz-me, Tiago, nem o meu rosto, nem a minha alma te chegaram, não foram bastante? E tu também ficaste preso à grandeza das minhas palavras? Vem conhecer o fogo que me devora! Vem conhecer então esta carne que tu amaste tanto! Anda aqui. Põe-te mais perto de mim! Mais perto! Ainda mais perto! Junto ao meu lado. Senta-te neste banco. E dá-me o teu punhal.

T: É o mal? É o mal, Violaine?

V: É, sim, Tiago.

T: A lepra!²⁴.

Violaine pede para ser abraçada mesmo tendo lepra porque, se alguém ama, abraça o outro mesmo que ele seja leproso. A jovem vê na lepra um bem, a possibilidade de realização; não uma condenação, mas uma promessa “Tão grande, na verdade, Tiago, que o teu coração ficará saciado, que não me pedirás mais nada e nunca mais seremos arrancados um do outro. Uma comunhão tão profunda que nem a vida, Tiago, nem o inferno, nem o próprio céu a farão acabar jamais, nem jamais farão cessar este momento em que eu to disse na fornalha deste sol terrível. [...] É tão grande aquilo que estou para te dizer que o teu coração ficará saciado”.

Para Tiago, ao contrário, aquele sinal indica uma ruptura e ele gostaria que não existisse. Por isso, responde a Violaine: “Ah, é terrível demais! [...] Fala, suplico-te! Diz-me que isso não é verdade”²⁵. Consciente de que a ama, de que seu amor não desapareceu, Tiago diz: como é possível? Ele não quer isso porque não é a realização como ele a tinha imaginado. E, então, manda Violaine embora, para fora da cidade, para viver sozinha, marginalizada. Tiago vive segundo a sua medida, a sua medida de justiça. Fez aquilo que era certo porque, naquela época, a lepra era considerada um castigo pelos pecados, portanto, aquele sinal, aos olhos de Tiago, é a prova evidente da denúncia feita pela irmã. A justiça do homem não pode aceitar um amor infinito que não coincide com a própria medida. Exilada, Violaine vive sozinha longe da cidade, levam-lhe a comida cotidiana e a lepra, por fim, a torna cega.

Nesse interim, Mara, a irmã ciumenta de Violaine, casa-se com Tiago. Os dois têm uma filha que morre de repente enquanto Tiago está viajando. Mara pensa que foi a irmã que matou sua filha para se vingar. Por isso, de manhã bem cedo, leva o cadáver à leprosa e o joga em cima dela. Violaine toma nos braços o corpo da menina, um fio de leite sai de seu seio leproso, toca a boca da menina e ela ressuscita. É um milagre. Enlouquecida de alegria, Mara leva a menina para casa. Tiago, que não sabia o que tinha acontecido, chega e não consegue parar de olhar para os olhos da menina que, depois do milagre, assumiram a cor dos olhos de Violaine. Mara, vendo seu marido olhando para aqueles olhos, chega ao ápice do ódio, volta até onde está a irmã e joga em cima dela um carrinho de mão cheio de cascalhos.

Entendem, meninos? Você segue a sua justiça, segue a sua ideia, e isso o leva ao ódio, ódio pelos outros, ódio por si mesmo. Violaine, ao contrário, não vive segundo uma medida humana; para ela, a tarefa da vida não é viver de acordo com a própria ideia. Mas isso não é imediato; que a realização do amor seja não poder abraçar fisicamente, a ponto de ser mandado embora por aquele que ama você, não é imediato! Todavia, reconhecer Cristo através dessa dor intensa, através da normalidade da obediência cotidiana, traz vida, traz um bem. E esse é o milagre. O milagre da mudança que você, você também, pode experimentar. Aderindo à vontade de Deus, a vida renasce. Da minha carne putrefata e moribunda, jorra a ressurreição, não como eu tinha imaginado, mas cem vezes mais; é uma outra coisa, talvez não esteja em conformidade com os meus sentimentos, mas é vida, amor verdadeiro, porque é este o amor que eu desejo: ser amado pelo outro mesmo que eu seja leproso, ser abraçado na minha dor, no meu limite. A alternativa a isso é a mesquinhez correta de Tiago e Mara, a mesquinhez da própria medida que aceita só aquilo que é possível ao homem e que, no fim, não leva a nada além de violência e destruição, nada além de desolação, nada além de desistir de tentar ser feliz.

O pai de Violaine, que volta no fim da peça, descreve exatamente esse cêntuplo, dizendo, diante do corpo da filha morta: “Viver será a finalidade da vida? [...] O fim não é viver, mas sim morrer, e não armar a cruz mas subir à cruz, e dar o que temos com alegria! Ali está a alegria, ali está a liberdade, ali a graça, ali a juventude eterna! [...] Que vale o mundo diante da vida? E para que vale a vida senão para a darmos? E por que nos havemos de atormentar quando é tão simples obedecer?”²⁶.

O olhar de Violaine, o amor que brota dela não é o resultado de um moralismo ou de um voluntarismo, mas é uma vida nova, um modo novo de enfrentar a vida que brota da identificação com Cristo. Esse novo olhar sobre a vida se chama “virgindade”. Esse olhar novo indica a modalidade de posse própria de Cristo, que morreu na cruz por amor a você, para que você possa ser si mesmo. Esse olhar novo indica a modalidade de posse que Cristo teve e tem da realidade: uma posse da realidade segundo o seu destino eterno, um relacionamento com o amado pelo seu

destino, segundo a modalidade revelada por Deus à própria alma. Viver o relacionamento com uma pessoa sem amar o seu destino é não amar.

A virgindade é dizer “Tu” ao amado, afirmar que o destino do amado não sou eu e, por isso, não posso fazer dele aquilo que eu bem entender. Você é outro além de mim, não é o resultado da minha ideia, do meu pensamento, é outro além de mim. Que dignidade, que sacralidade poder dizer verdadeiramente “Tu” ao amigo, à namorada. “Tu”! E, assim, se eu olho para você segundo a sua verdadeira origem, segundo o seu verdadeiro destino, segundo aquilo de que, em última instância, você é feito, exatamente quando eu olho para você desse modo, a sua figura se torna potentíssima aos meus olhos; a sua realidade, muito amada; a sua forma, adorável. Se a pessoa nunca amou assim, se nunca sentiu essa onda dentro de si, essa reverência, essa adoração imprevista para com o rosto da pessoa amada, para com o rosto do amigo, ainda não experimentou o que é o amor.

Que história, rapazes! E vocês se preocupam em não sentir tédio nas aulas, em encontrar a namorada..., mas, olhem que possibilidade! Quando Cristo se torna o pensamento dominante da nossa mente e da nossa ação, tudo, até a morte e a dificuldade, tudo se torna adorável, amável. Nada é jogado fora. Nada é inútil. Esta é a promessa: a realização do seu desejo de ser escandalosamente feliz. O caminho é simples. Basta dizer sim com simplicidade e lealdade. Cantemos *Favola*.

Favola

Gostaria de fazer uma observação de método muito simples. Espero ter comunicado a vocês como eu sinto, como senti, partindo das contribuições que vocês enviaram, o mistério do qual estamos participando. Na Sexta-feira Santa, temos a celebração da comunhão, a Eucaristia, o ser “um” com Ele; no Sábado Santo, vamos caminhar com Cristo através da Via Sacra. Então, a indicação é muito simples: é preciso identificar-se. Para se identificar com alguma coisa que não seja você, é preciso seguir as indicações que lhe são dadas, é preciso seguir uma ordem que você não se deu. Por isso, faço votos de que, sobretudo, vocês não reinterpretem ou reinventem, mas adiram com simplicidade e lealdade. Vocês também terão muitos momentos de silêncio nestes dias, utilizem com inteligência os instrumentos dados: leiam o livreto, ou suas anotações, não com a intenção de entender abstratamente, mas de penetrar, de identificar-se com aquilo que foi dito. Que o caminho da Via Sacra seja um caminhar com Cristo. Que todos os momentos que vocês viverão nestes dias sejam um entrar dentro, um atravessar a soleira desse relacionamento. Também haverá muitos momentos em que vocês estarão distraídos. Como eu disse ontem, não tem problema: assim que percebermos a distração, recomeçamos! Se eu me distraio, se o amigo se distrai, eu o ajudo, e retomamos. Cristo prometeu que quem entra dentro desse relacionamento recebe o cêntuplo, uma vida nova. Esta é a verificação a ser feita. Garanto a vocês que é verdade. Bom prosseguimento!

ASSEMBLEIA, JOSÉ MEDINA
19 de abril, sábado de manhã

Ballata dell'uomo vecchio
Lela
Il popolo canta

Aberto Bonfanti. A riqueza e a vivacidade das assembleias feitas nos hotéis, testemunha que cada um de nós participou pessoalmente do gesto destes dias, feito de escuta, cantos, oração pessoal, caminho. Cada um envolveu-se, comparou-se com a proposta. Escolhemos algumas perguntas que nos parecem tocar alguns pontos fundamentais, não para exauri-los, mas para começarmos um trabalho que continuará nos próximos meses.

Gostaria de começar a assembleia lendo, antes de mais nada, a mensagem que nosso amigo, padre Julián Carrón, fez questão de nos enviar, mesmo estando na Nova Zelândia e na Austrália para encontrar nossos amigos que vivem lá. É impressionante como ele sintetiza de modo admirável o coração da proposta que fizemos nestes dias.

“Caros amigos, mais cedo ou mais tarde, o desejo de ser feliz aparece na vida de cada um. A partir daquele momento a vida é diferente. E a pessoa entende que é algo sério. ‘A vida é minha, irredutivelmente minha’, dizia Dom Giussani. Nada é tão sério quanto a vida, porque está em jogo a felicidade, ou seja, a razão de viver.

E, então, a vida se torna dramática. Por quê?

Porque não se pode mais viver como se um desejo assim tão ardente não tivesse se manifestado.

Eu me torno diferente pelo próprio fato de percebê-lo. Desde o momento em que o pressenti, deixei de ser uma criança.

Assim começa a aventura do viver. E a luta.

É a luta entre levar a sério este desejo, ou fingir que não o percebeu.

Porém, existe um inconveniente: é necessário querer-me realmente bem para me envolver nessa luta à qual todo o meu ser, toda a minha humanidade, me empurra implacavelmente.

A vida é, no fim, um problema de afeição. De afeição a si.

Justamente para despertar essa afeição, “Um morreu por todos”. E, ressurgindo, venceu. Como documentam os rostos de Pedro e João na corrida em direção ao sepulcro na manhã da ressurreição.

Quem não deseja uma afeição assim?

Feliz Páscoa, amigos.

Julián Carrón²⁷.

Colocação. Na quinta-feira, surgiu a questão do deserto, de ter o deserto em volta de si; e você disse que embora a pessoa veja o deserto avançar e se dê conta do deserto, ela não pertence a ele,

e que embora a pessoa se dê conta do próprio limite, da própria dor, não pertence àquele limite e àquela dor. Na verdade, para mim, isso não faz sentido porque normalmente percebo os meus limites, que tenho dificuldade, que não entendo e, comigo, acontece exatamente o oposto: sinto-me esmagada por esses limites. Você também disse que faz parte da natureza do coração do homem dar-se conta do limite e não pertencer a ele. Ouvindo você falar, parecia que isso era uma coisa natural, quase espontânea, automática, porém comigo acontece exatamente o oposto. Por que você diz que a pessoa percebe que não pertence ao deserto e como eu faço para não pertencer, para não ser esmagada pelos meus limites?

José Medina. De todas as coisas que foram ditas, essa ficou mais forte em você. Por quê?

Colocação. *Porque eu a sinto no cotidiano, mais do que as outras.*

Medina. E por isso, você se dá conta. Você é tocada por esse ponto que lhe julga, que tem a ver com você. Lembra o que dissemos antes de fazer a citação de Dom Giussani sobre o deserto?

Colocação. *Não.*

Medina. Exatamente no início, quinta-feira à noite, falamos do fato de que, diante da vida, quando partimos da ideia de que podemos resolver tudo sozinhos, cedo ou tarde percebemos que não damos conta. Então, o limite, o fato de que você não dá conta, lhe incomoda, porque você não quer ser limitada por nada. Diante desse limite, normalmente, o que você faz?

Colocação. *Fico com raiva, porque percebo como eu sempre me deixo limitar, esmagar até por coisas banais. Por isso, penso: não é possível que eu crie tantos problemas ou que aconteça alguma coisa durante o dia, mesmo pequena – uma discussão com minha mãe, uma nota ruim na escola ou não conseguir sair com meus amigos –, e todo o resto seja determinado por isso.*

Medina. Então, se diante do limite, você diz: as coisas não estão bem, e você faz outras experiências e ainda nada está bem, e outras ainda e não está bem, e nada está bem, o que você diz sobre a vida? Se junta todas essas circunstâncias, o que é a vida para você? Se você diz que tem o desejo de ser perfeita, ilimitada, de que a vida seja realmente bela e depois se vê diante de tantas circunstâncias que não são como você queria, então, o que é a vida?

Colocação. *Dito assim, parece que não sobra nada.*

Medina. Parece que não sobra nada, seria uma condenação viver assim. Imagine que você tenha sede e alguém na sua frente, diga: “Quer água?”. E você: “Sim, quero”. E ele: “Você não pode ter”. Um pouco depois, diz de novo: “Quer água?”. “Sim”, você responde e ele, de novo, diz: “Não, você não pode tê-la”. Você deseja água e tem a intuição de que é necessária para você. Mas se o que acontece é que você não pode ter a água que está na sua frente, o que a vida lhe parece? Alguém se volta para Deus e pergunta: “Desculpe, por que me criou com esse desejo impossível de ser satisfeito?”. Nietzsche dizia: odeio a mim mesmo, odeio o meu desejo porque toda vez que levo a vida a sério, toda vez que por um instante faço experiência desse desejo, nada o realiza. Então, se a

vida é isso, o que você faz? Desiste. Normalmente, nós dizemos: “Tenho sede, mas como não há água ao meu alcance, então não tenho sede”. Mas, é suficiente esquecer e se convencer de que não temos sede? Isso parece razoável?

Colocação. Não.

Medina. Há uma outra possibilidade, que é profundamente razoável e humana: reconhecer que, se eu tenho esse desejo dentro de mim, há algo que pode realizá-lo. Mas chegamos ao ponto (falamos sobre isso na quinta-feira, durante a introdução) de fazer todo o possível para esquecer o nosso desejo. Mas você não pode me dizer que isso seja razoável ou humano, porque o desejo está em mim de qualquer modo, não sou eu que o crio. Você deseja ser amada, mas como ninguém lhe ama, como esse amor que você quer não pode ser visto agora, você diz: “Não, isso é só um pensamento, não é uma coisa tão importante”. Então, dar-se conta desse desejo que você tem e perceber o limite, o que diz sobre você? Se tem o desejo de ser amada, mas ser amada totalmente não lhe parece possível; se quer ser feliz, mas as coisas que faz ou que os outros podem lhe dar não a fazem feliz, o que isso diz sobre você? Nós buscamos a felicidade, realmente tentamos encontrá-la. Você encontra o namorado, tenta estudar para ter uma carreira que lhe realize, mas nada parece realizar o seu desejo. Essa é a realidade de todos. Você gostaria de ser amada sempre, mas parece impossível, parece que há um limite insuperável. O que isso diz sobre você?

Colocação. Que não sou capaz, que não sou capaz e basta.

Medina. Aí está, você para quando constata o limite. Proponho que você vá além. Você diz: eu não sou capaz, a realidade não é capaz, vocês não são capazes de realizar o desejo que têm. Eu digo: diante do limite, surge em mim o pensamento de que talvez eu não tenha sido feito para esse deserto, sou de outro, tenho um sentido, talvez seja louco porque tenho a impressão de que não pertenço a este mundo porque nada me satisfaz, nada me basta. Posso ter tudo o que vocês quiserem, todo o dinheiro, tudo aquilo que vocês puderem imaginar, mas não me basta. Então, repita para mim aquilo que você entendeu.

Colocação. Que, se eu percebo que neste mundo nada me satisfaz de tudo aquilo que posso ter, de tudo aquilo que podem me dar, então, normalmente peço para me tirar o...

Medina. Você percebe que o que está pedindo é para que o desejo seja tirado de você?

Colocação. Não sei. O desejo existe, porém peço: “Satisfaça-o”, pelo menos, assim, fico tranquila.

Medina. É interessante, porque você pede para tirar o desejo, para fazê-lo desaparecer porque assim pelos menos você fica tranquila; não pede a sua realização. Diante da experiência do desejo de água, você diz: “Jesus, faça-me não ter sede”, não lhe pede água. Dá para entender? Diante do desejo de ser amada, pede: “Senhor, não me faça sentir esse desejo de ser amada”, e não pergunta, ao contrário: “Senhor, tu me amas?”. Entendem a diferença? No fim, a mentalidade dominante em

que vivemos documenta-se exatamente como vontade de eliminar o desejo, de cancelá-lo. Mas eu não quero esquecer o desejo de me realizar, quero encontrar aquilo que me realiza. Para você, é a mesma coisa?

Colocação. *Acho que não. Não sei, não saberia responder. É difícil.*

Medina. Imagine que você está numa prisão, sentada em uma cadeira, atrás das grades, em uma pequena cela. Está lá, presa: o que você pede?

Colocação. *Para sair.*

Medina. Perfeito. O que a experiência daquela realidade faz surgir em você?

Colocação. *O pensamento de que não quero ficar ali.*

Medina. Quer dizer, você deseja ser livre. Então, diante desse desejo, o que você faz? Uma vez que as grades estão lá e você não pode sair, você diz: “Senhor, não me faça sentir que não sou livre, não me faça sentir como escravo. Eu fico na prisão, basta que não sinta esse desejo de liberdade”. Essa postura parece razoável para você?

Colocação. *Não.*

Medina. Pareceria loucura se você se comportasse assim. Você está lá sentada... “Você quer ser livre?”. “Não, na verdade, não. Simplesmente não quero sentir esse desejo de liberdade que tenho dentro de mim”. Por isso, muitas vezes, a nossa oração é pietista, porque pedimos ao Senhor para cancelar a nossa humanidade; diante da dor que experimento, peço ao Senhor para me tirar o desejo. Mas, se você estivesse na prisão e quisesse ser livre, o que faria?

Colocação. *Pediria para sair.*

Medina. Pede para sair. E se não deixam, o que você faz? Pede para algum amigo um pouco mais esperto que lhe ajude a fugir? Se você é inteligente, olhando para essa experiência, o que esse desejo de liberdade que você tem lhe diz? Evidentemente, você nunca esteve na prisão, então pense que você está na sala de aula: está na aula e não aguenta, está entediada e diz, um pouco como dizia Jesus na primeira parte da sua conversa com o Pai: “Afasta de mim esse cálice”. Você está na sala de aula como se estivesse na prisão e quer ser livre; o que essa experiência diz sobre você?

Colocação. *Que o meu desejo é ser livre.*

Medina. O seu desejo é este, mas a realidade está dizendo outra coisa. Então, você é da realidade ou é outro?

Colocação. *Sou outro.*

Medina. A experiência que você faz todos os dias lhe diz imediatamente que você é outro, que não é deste mundo e por isso, imediatamente, começa a procurar outra coisa, porque este mundo é muito pequeno para você, é muito pouco para você. E isso lhe parece uma experiência natural, simples. É simples, mas não é automática. Tenho um grande desejo no meu coração: o desejo de ser livre e de ser feliz, de amar e ser amado e, ao mesmo tempo, percebo uma desproporção imensa,

porque parece que tudo a minha volta não seja capaz de realizar esse desejo. Então, eu considero tudo isso e digo: eu não sou deste mundo, talvez venha de um outro mundo, sou um extraterrestre. Conheço as coisas, mas é como se não as *sentisse*, não me são familiares, não me bastam, quero outra coisa. Pensava nisso alguns anos atrás, quando assisti um filme do *Super-Homem*: o protagonista cai na Terra vindo de outro planeta, vive com uma família, mas está sempre incomodado. Você parece comigo, tem um rosto como o meu, mas eu não sou você, você não me basta, talvez eu seja de outro mundo! Esse filme reflete uma experiência cotidiana. É exatamente dentro da experiência do limite que eu me dou conta de não ser deste mundo, de que há algo dentro de mim que pertence a um Outro. Nesse sentido, na quinta-feira eu dizia que é natural reconhecer isso. É natural porque, se você olha para a sua experiência, descobre isso. Não confundamos, porém, aquilo que é natural com aquilo que é espontâneo. É natural, não é automático, não é automático! Pense um pouco: a dificuldade que você e eu tivemos na nossa conversa deriva do fato de que aquilo que é automático para você é não ser si mesma, é dizer, diante do desejo de água: “Eu não sou desejo de água”. Você se apaixona, quer ser amada por aquele rapaz, mas diz: “Não, eu não estou apaixonada”, e se convence disso. Isto é automático em nós: cancelar aquilo que somos pensando que, assim, ficaremos tranquilos. Diante da estranheza que sinto, do fato de que tudo a minha volta não é suficiente, que eu não sou deste mundo, o que eu faço? Digo: “Não é verdade”. Por isso, é preciso um instante de lealdade verdadeira para consigo mesmo. Lealdade, razoabilidade para consigo mesmo, mas, sobretudo, lealdade e, como dizia Julián, afeição por si mesmo porque, se eu tenho o desejo de ser livre, então, desejo ser livre. Não me diga que você não tem esse desejo. Não me diga que o fato de não conseguir se libertar elimina o seu desejo, ao contrário, o torna maior. E isso acontece porque o meu desejo está latente dentro de mim, eu o tenho de qualquer forma e se, nesse momento, a polícia cercar o salão e disser: “Vocês não podem sair!”, o que acontece com o meu desejo? Torna-se ainda maior, não digam que diminui ou desaparece porque me dizem que não posso sair. Quanto mais percebo o limite, mais forte se torna o meu desejo. Entendem que isso é natural? O problema é que, ao invés disso, o que nos vem automática e espontaneamente é dizer que isso não é verdade. Então, é um problema de lealdade para consigo mesmo, de afeição por aquilo que nós somos. Pensem o que significa encontrar uma pessoa que me permita exprimir a mim mesmo e ao meu desejo, que me permita dizer: “Eu quero ser livre”. Você está na prisão há vinte anos, melhor, está na escola há quinze anos, a professora está dando aula, até que chega alguém que se senta ao seu lado e desperta o seu desejo, lhe permite ser leal consigo mesma. Isso já é um bem, porque a sua companhia, a sua proximidade lhe permite ser você mesma, lhe permite vencer a inércia do espontâneo, do aparente e lhe faz dizer: “Todos fazem assim, faz quinze anos que vou à escola, todos vamos, é preciso ir”, que lhe permite vencer a postura que, diante do desejo de ser livre e feliz, lhe faz dizer: “Esqueça isso!”. Ao contrário, alguém que lhe

permite ser você mesma é interessante porque significa que esse outro, que não é deste mundo, está aqui. Então, o que lhe diz isso que acabei de dizer sobre a sua pergunta?

Colocação. *Que preciso me amar, que não devo limitar o meu desejo porque eu o tenho, por isso...*

Medina. Está bom assim! Você entendeu que o problema da vida é amar-se e ser leal consigo mesma. O fato de que eu percebo o limite a minha volta me faz imediatamente descobrir que eu não sou só isso, que sou outro. Dizer: “Preciso me amar”, imediatamente faz você sentir que a urgência da sua vida é encontrar alguém que lhe permita amar-se, porque você sozinha não consegue. A sua urgência é a de encontrar alguém que lhe permita ser você mesma. Então, a vida se torna mais simples, porque agora você tem um pedido com o qual se colocar nas circunstâncias: eu quero encontrar alguém que me permita desejar, ser eu mesma, caminhar. E quando encontra uma pessoa, como pode descobrir se é exatamente ela que lhe permite ser você mesma?

Colocação. *Se eu percebo logo uma mudança.*

Medina. Se percebe logo que, estando com ela, o seu limite não lhe incomoda mais, no sentido que você dizia: “Me esmaga, me faz esquecer de mim mesma”, mas lhe faz desejar mais. Infelizmente temos medo de desejar. Estamos como que sentados numa prisão e, quando surge em nós o desejo de sermos felizes, nós o esmagamos. Obrigado.

Colocação. *Nestes dias, foi dito que, para poder afirmar a si mesmo, é necessário reconhecer um outro porque, no fim, todas as outras opções são vãs. Minha dúvida é se não há o risco de perder a individualidade, isto é, de, no fim, aquele eu que eu afirmo não ser verdadeiramente eu.*

Medina. Pense naquilo que acabei de dizer à sua amiga. Se você realmente quer se amar, precisa encontrar alguém que lhe permita ser você mesmo.

Colocação. *Porém, se encontrar esse outro significa colocar-se completamente em suas mãos, desse modo, não é você, mas é ele. Como você disse quinta e sexta-feira, para poder reconhecer verdadeiramente a mim mesmo, não devo centrar tudo em mim, não devo ver tudo pensando em mim como único protagonista, mas...*

Medina. Vamos ser leais com aquilo que acabamos de dizer, porque a sua objeção é uma interpretação daquilo que eu disse. Então, é preciso entender bem o que eu disse. O fato de que eu, a minha presença, lhe faça sentir mais si mesmo, significa eliminar você?

Colocação. *Não, nesses termos, não, porém, quando se torna mais radical, isto é, quando passa do dizer que tem um amigo a dizer “o amigo é você”, quando alguém lhe diz que para ser si mesmo precisa ser aquele amigo, a coisa é menos óbvia.*

Medina. Se estando comigo você se sente mais você mesmo, se é realmente bonito estar comigo, se você realmente goza a vida, o que isso diz a você? Você passou três dias aqui; foram dias bonitos?

Colocação. Sim.

Medina. E como você se sentiu?

Colocação. Bem.

Medina. O que você experimentou estando na companhia de todas essas pessoas? Você é mais si mesmo hoje do que na quarta-feira passada? Você se sente mais si mesmo?

Colocação. Acho que sim. Porque estou mais consciente das perguntas que tenho.

Medina. Muito bem, você está mais consciente. Ter estado aqui com seis mil pessoas lhe ajudou. Este final de semana, o fato de ter estado comigo, com a gente, você percebe como um bem ou como um mal?

Colocação. Como um bem.

Medina. E quanto mais o tempo passar e mais tempo você gastar conosco, mais essa percepção de bem continuará. A um certo ponto, você pensa: “Estar com você me faz sentir realmente bem, sou realmente eu mesmo, não me sinto escravo”, e isso significa ser si mesmo: “não me sinto esmagado pela realidade, mas sinto esse desejo dentro de mim que me lança na realidade, realmente gosto da vida”. Então, o que você faz com essa experiência?

Colocação. Continuo com você.

Medina. Continua comigo. Depois de anos, o que faz com essa experiência? Se estivesse no seu lugar, eu ficaria um pouco curioso, queria entender porque você é assim tão correspondente àquilo que eu desejo, porque com você eu me sinto realmente bem, me sinto mais vivo. Nestes dias, você fez aquilo que queria fazer? Faz três dias que todos estamos fazendo aquilo que um outro nos diz. Eu chego no hotel e penso: “O jantar é às 8h; às 8h25min preciso estar de volta”. Mas, em toda essa obediência a um outro, você achou que perdeu alguma coisa?

Colocação. Não.

Medina. Então, a sua experiência nestes dias responde à sua pergunta. Se você, estando em um lugar onde faz aquilo que lhe é dito, se obedecendo descobriu um bem para você e não perdeu a si mesmo, por que tem essa objeção?

Colocação. Porque nem sempre isso acontece, não é o ano inteiro assim.

Medina. Por que não? A resposta dos Colegiais por acaso se esgota hoje? Estar aqui em seis mil, escutar alguém que nem fala muito bem o italiano é diferente de estar na aula? Por que ir à escola é diferente de precisar fazer aquilo que um outro lhe diz aqui? Na escola também lhe dizem o que você precisa fazer, por que é diferente daqui?

Colocação. Na verdade, não sei se é assim tão diferente.

Medina. De fato, não é diferente. Então, por que você o vive de maneira diferente? O que tem aqui que não tem lá? O problema não é aquilo que você faz, porque é bastante parecido, ao contrário, poderíamos pensar que na escola temos quase mais liberdade de fazer aquilo que queremos do que aqui. Aqui, lhe dizem: “Fique em silêncio no ônibus”. Há alguém na escola que lhe diz para ficar em silêncio no ônibus? Se na escola lhe dizem: “Faça silêncio no ônibus”, você faz?

Colocação. Não, não faço.

Medina. Não faz. Por quê? Se quem diz é a sua professora...

Colocação. Não há um motivo para fazê-lo.

Medina. Por quê? Qual seria o motivo para fazê-lo? Para quê serviu o silêncio para você, nestes dias?

Colocação. Para ter espaço para refletir.

Medina. Desculpa, mas quando você está na escola, não precisa refletir? E o que faz para refletir?

Colocação. Fico quieto.

Medina. Mas na escola você não fica.

Colocação. De vez em quando, sim...

Medina. Percebe que a nossa vida, aqui, nestes três dias, não é diferente da vida que você vai viver na próxima semana? A proposta é clara: fizemos e fazemos Escola de Comunidade, rezamos juntos, olhamos para o que acontece e vemos o que essa experiência fala sobre a nossa vida. Mas, se depois de ter rezado todos esses dias, levado a vida a sério, permitido que a realidade reconstituísse as perguntas, de termos descoberto a nós mesmos, se você se esquece de tudo isso e volta a viver como antes, por que você espera um resultado diferente? É como dizer: você esteve aqui, disse sim duzentas vezes – e não é normal que um jovem faça silêncio, não é espontâneo, tanto é verdade que se o professor lhe diz: “Fique quieto”, você diz: “Você é louco!”. É verdade que acontece isso? O espontâneo, para você, é não ficar quieto na classe. Porém, alguém, aqui, lhe disse: “Fique quieto, estes dias”, e você disse: “Sim”. Passou três dias dizendo sim e, no fim, depois de ter feito silêncio, percebeu na sua experiência um bem, percebeu que viver assim lhe faz bem. Então, como isso é diferente de estar na escola? Qual é a diferença?

Colocação. Talvez aqui seja um pouco mais explícito, é mais evidente que é um bem para mim, enquanto na escola...

Medina. Por que é evidente? Se você fizer um exemplo, talvez eu consiga entender.

Colocação. Fiquei contente de fazer a Via Sacra, caminhando e rezando durante quatro horas. Talvez não seja o caso de dizer: “Me diverti um monte”, de qualquer modo, fiquei contente.

Medina. Normalmente, às sextas-feiras, você faz uma Via Sacra de quatro horas com seus amigos? “O que você vai fazer hoje à noite?”. “Vamos fazer uma Via Sacra de quatro horas”. Realmente você nem pensa em dizer isso. A diferença que eu vejo é que nestes dias você disse sim, aceitou viver a vida como foi proposta por um outro, neste caso, fundamentalmente – mas não só – por mim que lhe pedi para viver de um certo modo, até os detalhes: fazer silêncio no ônibus, retomar as palestras, caminhar, levantar-se e comer num determinado horário. E neste viver a vida com o meu olhar, descobriu que era um bem para você, e você disse sim a isso. Então, por que diz que a sua individualidade é perdida seguindo um outro? Parece-me exatamente o contrário.

O fato de que você não teve escolha – na verdade, você tem a possibilidade de escolha: pode dizer sim, e fazer silêncio, ou não, e falar – foi contra você?

Colocação. Não.

Medina. Vocês percebem que a objeção que fazemos não corresponde à experiência? É isso que gostaria de sublinhar. Se olhamos para a nossa experiência, se nos observamos em ação, muitas das objeções que temos não se sustentam, não se mantêm. Por quê? Porque, por exemplo, a sua objeção em relação à individualidade (“se sigo você, perco a mim mesmo”) deve-se a uma interpretação sua sobre o que quer dizer seguir, mas você tem a experiência do seguir diante dos seus olhos, viveu-a nestes dias e foi um bem para você. A beleza do nosso estar juntos é de estar em caminho, por isso a possibilidade de seguir, de viver a vida com o mesmo coração de um outro que lhe permite ser verdadeiramente si mesmo, de abraçar o seu destino, é contínua. E isso – a meu ver – é evidente, porque emerge da experiência. Mas nós não escutamos a experiência, escutamos mais as nossas ideias, por isso basta que alguém nos diga: “O modo como você viveu esses dias foi um bem para você? Tem certeza?”, nós, de repente, reagimos assim: “Sim, mas tenho um problema com o seguir”. Significa que você tem uma interpretação do que significa seguir, isto é, que isso elimina você. No entanto, falando com você e com a amiga de antes, se vê exatamente o oposto, a experiência faz você ver o oposto. É natural que seja assim. Quando você se apaixona por uma menina, quer estar com ela, quer olhar a vida como ela a vê, mas não elimina você mesmo, ao contrário, quando você se apaixona, consegue viver melhor. É natural, o que quer dizer: é a dinâmica do humano. A dinâmica do humano é que no relacionamento com minha mãe, no relacionamento com certos amigos, eu descubro que sou eu mesmo. Então, a objeção da individualidade negada pelo seguir vem do fato de que nós achamos que podemos existir sozinhos. Existir sozinhos significa pensar que eu me dou a minha consistência, que a coisa que tem mais valor sou eu, sozinho, eu sozinho. Mas não consigo ser eu mesmo senão em relacionamento com qualquer outro. É esta a reação que vocês percebem quando se apaixonam: que, estando com você, eu respiro mais, percebo em você um bem e, por isso, quero ficar com você. Infelizmente, logo depois vocês fazem todas as reduções possíveis, fazem suas reinvenções e sobra bem pouco do

amor inicial. E é exatamente este o ponto. Percebam que vocês e eu vivemos como homens modernos, que decidem que é melhor não ser si mesmos, que é melhor não desejar, que o valor supremo da vida é o eu sozinho, a individualidade. Mas a experiência não diz isso. A experiência que você fez nesses dias diz o contrário. Então, consciente de que nestes dias você fez a experiência de um bem e que, quando não está aqui, como você dizia, esse bem não existe, então, qual é o problema da vida para você?

Colocação. Talvez colocar de lado isso para enquadrar tudo em uma lógica fechada.

Medina. Vocês percebem que tudo, para nós, é eliminar alguma coisa? Você está me dizendo que o problema da vida é “colocar de lado”. A amiga de antes dizia: o problema da vida é resolver a questão do desejo eliminando-o para, pelo menos, ficar tranquila. Diante do meu desejo de água, a nossa proposta é: esquecê-lo, não mostrá-lo. Se vocês não o consideram, o desejo desaparece. Então, você caminhou durante três dias no deserto e chega a um lugar onde tem água, tenta pegá-la, mas bate contra um vidro. Você vê a água, mas há o vidro no meio, e você não pode pegá-la. Nossa reação é: basta que eu me volte para o outro lado e, embora não beba há três dias e precise da água, deixa de ser um problema e, então, tudo fica bem. O problema da vida não é eliminar os problemas ou colocá-los de lado, mas seguir com curiosidade aquilo que nos interessou. A tarefa da vida é seguir o fascínio que um encontro suscitou em você. Não é colocar de lado os seus pensamentos. Quando vocês ouvem dizer: “Precisa dar tudo”, vocês perguntam: “Tudo? Realmente tudo?”. Porém, o problema não é o seu tudo, mas se há algo de fascinante lá, e então eu quero estar lá, porque tudo aquilo que tenho não me realiza e, em última instância, não me interessa. É como um fio sutil que se percebe no nosso discurso, a reação automática em nós é contrária à nossa natureza. Quando você vê uma moça bonita, realmente bonita, qual é a primeira coisa que lhe vem à mente?

Colocação. Pensar: que bonita!

Medina. A primeira coisa que deveria vir à mente é o desejo de ir até ela. O primeiro pensamento não seria precisar esquecer todas as outras moças, ou colocá-la de lado. O problema é que se eu vi alguma coisa fascinante, quanto mais estou consciente disso, tanto mais experimento um bem. Então, o meu problema é ficar aqui, neste lugar que representa um bem para a minha vida. Como posso estar mais aqui com você? Pense que essa é a experiência dos apóstolos, que iam atrás de Jesus com uma curiosidade desejosa do verdadeiro, seguiam a intuição que tinham tido. Enquanto vocês estiverem no ônibus voltando para casa hoje, a um certo ponto, deveriam se perguntar: será que é possível viver na escola o que vivemos nestes dias? O problema não é eliminar ou esquecer a escola, mas ter a curiosidade de descobrir como Deus tornará possível, para mim, viver tudo de um modo verdadeiro, até a escola.

Bonfanti. Este ponto me parece decisivo: seguir aquilo que nos interessou. A experiência de Pedro e João é exatamente essa, a experiência que muitos de nós fizemos é a de um fascínio provocado por um encontro. Se penso na minha experiência, vejo que o que me fez crescer, o que me faz crescer é seguir aquilo que me fascinou, não todas as dúvidas que surgem. Tudo está inserido dentro desse seguir.

Colocação. *Padre José, o que me marcou foi a sua insistência sobre o contraste entre a ideia que eu tenho e o desígnio de um Outro sobre mim. Você disse que a nossa realização está em aderir a esse projeto. Mas eu continuo ligada àquilo que penso e que quero, porque permanece em mim uma dívida atroz de que, no fundo, aquilo que Deus tem em mente para mim não seja aquilo que realmente me corresponde. Estou, como você disse, na “soleira do Mistério”, e é como se não conseguisse confiar totalmente, tenho muito medo.*

Medina. Medo de quê?

Colocação. *De que não seja para mim, de ter muita dificuldade, de não ser feliz.*

Medina. Você vê um rapaz e diz: “Esse menino é realmente bonito, realmente me ama”, mas logo depois, diz: “Ah, não, tenho medo”. Esse pensamento realmente vem à sua cabeça? “Muito fascinante. Tenho medo”. Um pouco estranho esse ser “fascinante”. De onde vem o medo?

Colocação. *Eu tenho medo de perder as pessoas e as coisas que sinto que são minhas. De fato, você já respondeu um pouco quando disse que o ponto é se uma coisa nos fascinou. De qualquer modo, me vem à mente essa imagem: é como se houvesse um precipício; eu estou de um lado e, do outro, está a coisa que eu mais desejo, mas tenho medo de pular para o outro lado. Sinto que, às vezes, esse medo me bloqueia.*

Medina. Se eu vejo algo fascinante, esqueço o celular, esqueço a namorada – contava antes um amigo –, vou atrás daquilo que vi e só depois me dou conta de ter deixado todo o resto. Você acha que isso me preocupou quando vi uma coisa fascinante? Entendem que quando vocês dizem: “Tenho muito medo”, essa é uma objeção intelectual, fruto da mentalidade moderna que opera dentro do nosso coração, é uma objeção que não nasce da experiência. Você vê algo fascinante e vai atrás, essa é a experiência.

Colocação. *Sim, embora a dificuldade seja em relação ao sacrifício, por exemplo: percebo que, no relacionamento com um amigo, um modo de amá-lo mais seria que o relacionamento não fosse como eu quero; gostaria que fosse assim, mas não consigo sacrificar-me completamente. É como se soubesse tudo, tenho certeza da minha fé, tenho certeza de que Deus me ama, porém, depois, no fim...*

Medina. Você não sabe nada!

Colocação. *Fico agarrada à minha ideia.*

Medina. Sabe tudo intelectualmente, como discurso, mas não é o seu pensamento dominante. Não sabe nada, porque saber é reconhecer. O saber não é algo intelectual, mas é conhecer um outro. Talvez você saiba as palavras, mas conhecê-Lo é outra coisa. Você vê uma coisa fascinante: é natural que você levante e vá em direção a ela. É natural. Não há teoria, aqui. Enquanto eu vinha de Rimini para cá, vi muitas na estrada. Numa lanchonete de um posto de estrada, havia uma estacionada, e como gosto de carros bonitos, fui vê-la de perto. Não pensei: agora o Albertino vai me deixar aqui, tomara que ele não mexa na minha bolsa, nas minhas coisas, são todas minhas. A regra da vida é seguir aquilo que é fascinante e que coincide exatamente com o ser verdadeiramente si mesmo. Você não sabe o que é a felicidade até que não a reconheça, até que não a veja apresentar-se a você. Então, o ponto é encontrar alguém que lhe ajude a olhar com paixão àquilo que fascina você. Você encontrou isso aqui?

Colocação. Sim.

Medina. E, então, o que você deve fazer?

Colocação. Continuar olhando para essas pessoas.

Medina. Perfeito. Continuar olhando, basta. Obrigado.

Colocação. Nestes dias você disse várias vezes que há duas opções: ou pensar que tudo morre, que tudo termina e nada tem sentido, ou entregar-se a Ele, dizer sim e, portanto, identificar-se com Cristo. Mas eu não entendo o que quer dizer identificar-se com Cristo, como isso é possível.

Medina. Por que isso é um problema para você?

Colocação. Porque nestes dias você nos disse que para entregar-se a Ele é preciso se identificar, e isso me interessa.

Medina. E, por que Cristo é um problema?

Colocação. Porque me parece totalmente outro de mim.

Medina. Sim, é justo. Se você pensar, identificar-se é sentir a vida com o coração de um outro. E este outro, nestes últimos três dias, fui eu, padre José. Você sentiu a vida através do meu olhar. Pedi para você ficar comigo, ser uma comigo e olhar comigo. Mas para seguir verdadeiramente, não é suficiente fazer mecanicamente as mesmas coisas que eu faço, por exemplo, sentar-se como eu me sento. Seguir é olhar com os olhos do outro, é permitir que o olhar do outro entre em mim.

Colocação. Porém, mesmo que eu tente olhar a vida como você a viu ou a descreveu, não é o mesmo que dizer: “Cristo”. Nesse caso, é você, ou outra pessoa, não é Cristo.

Medina. Não é Cristo, mas o que você sabe de Cristo?

Colocação. Nada.

Medina. Nada. No entanto, afirma que não é Cristo. Se você diz: “Este não é Cristo”, significa que sabe quem é Cristo.

Colocação. Bem, não. É exatamente o fato de não saber quem é Cristo que me impede de me identificar com Ele.

Medina. Verdade?

Colocação. Se eu conheço uma pessoa, como faço para ver as coisas como ela vê?

Medina. Você está falando do mistério da Encarnação. Terminamos a Via Sacra assim: estou curioso para entender como Ele decidiu ficar comigo e, durante estes dias, tivemos algumas sugestões, alguns sinais; pelo menos para mim, tornou-se evidente através do sacramento da Eucaristia: “Permaneçais comigo, comi da minha carne”, disse Jesus aos discípulos. Tornar-se “um” com Ele, este é o sacramento objetivo. Mas há também a companhia, a encarnação de Cristo dentro da comunhão dos Seus. Visto que somos parte de um Movimento chamado “Comunhão e Libertação”, a palavra comunhão para nós é bastante importante porque Cristo decidiu permanecer comigo e com você através de uma companhia humana, de modo que nós dois possamos fazer, hoje, a mesma experiência que Pedro e João fizeram: a experiência de viver com alguém que me faz ser eu mesmo, pelo qual, vivendo com ele, seguindo-o, olhando a vida como ele olha, eu sou livre, sou mais eu mesmo; o mundo, que me parece tão pouco, torna-se meu, as coisas que parecem me esmagar, que parecem estar contra mim, tudo isso me dá uma liberdade enorme pelo fato de eu conhecê-lo e olhar para essas coisas como ele as olha. Essa é a experiência do cristianismo. Esse é o Cristo que eu conheço. Eu pergunto: e você, que Cristo conhece? Entende por que cantamos “Ele tem a tua face, ele tem o teu rosto, e isto, para mim, é terrível”²⁸? Como isso é possível? Deus, na sua misericórdia, na sua ternura por você, introduziu no mundo um homem para que você possa conhecer quem é Deus e quem é você. Atenção, porque pensamos que conhecemos Cristo, mas o relegamos a alguém que está nas nuvens; enquanto Cristo está aqui, presente. Para mim também, dizer essas coisas, é terrível: que, através do testemunho da minha comunhão com Ele, eu seja Cristo para você, admitir isso, me dá um pouco de medo. Este é o Cristo que eu conheço: encontrar um homem estando com o qual eu percebi um bem na minha vida. Quando leio Dom Giussani no texto de Escola de Comunidade, encontro o olhar de um homem sobre a minha vida que me traz um bem. Então, o que isso diz à sua pergunta?

Colocação. Acho que entendi que, se estou na companhia dos Colegiais, posso ver Cristo através deles e, assim, Ele se apresenta a mim.

Medina. Eu tenho muita dificuldade – desculpem, essa é uma incapacidade minha –, porque não consigo “ver” Cristo através das pessoas. Quando as pessoas me dizem que conseguem ver Cristo, fico com um pouco de medo e pergunto: “O que você vê? Vê um fantasma que aparece?”. Entendo que é uma expressão que resume um sentimento difundido, mas, para mim, parece que isso torna Cristo abstrato. Não digo que seja errada, acho que é até bonita, mas eu tenho dificuldade com essa expressão.

Colocação. Mas, antes, você também disse que para mim, agora, Cristo é você.

Medina. Disse que você, estando comigo, faz experiência de uma coisa que não é deste mundo, que não é o deserto. Há algo de divino em você. E isso me interessa. Entendem? É por isso que eu tenho dificuldade com essa expressão, porque me parece que reduz o Mistério, que é terrível. Como é possível que a minha vida tenha mudado desse modo, que a sua vida possa ser mudada pelo fato de você estar comigo? Como é possível que alguém como Dom Giussani tenha mudado a minha vida, tenha trazido para dentro da minha vida algo que não é deste mundo? Essa é a encarnação. Esse é o Cristo que eu conheço. E a companhia de vocês é testemunho de algo novo somente porque vive dentro dessa comunhão. Não é automático, porque para nós, é automático o desinteresse, o sentar-se e dizer: tudo bem, vamos esperar que esse desejo passe, vamos fazer o que queremos. Quando sinto que ao meu lado está alguém que carrega algo de divino, me dá um arrepio, fico um pouco incomodado porque percebo que não posso dizer as besteiras que digo normalmente, faz com que eu tente ser mais correto. Esse é o Cristo que eu conheço; quando falo do Outro não falo de um outro que está nas nuvens, falo desse Outro real, presente aqui e agora. Quando falo da obediência, não a entendo como um dizer: “Senhor, diga-me o que devo fazer”. Várias vezes, tentei dizer: “Senhor, diga-me o que devo fazer”. Mas ele não respondia! Não é assim. Há uma fisicidade, uma carnalidade que é bonita, é terrível, porque é misterioso que Deus tenha decidido ser um homem com você, ao seu lado. É terrível, porque provoca imediatamente aquele desconcerto que faz você perguntar: “Mas como é possível?”. Parece impossível, no entanto, é fascinante e real. E diante desse fascínio, eu digo sim. Digo sim ao fascínio do verdadeiro que está na minha frente.

Colocação. Mas, se não o vejo nas pessoas que conheço, onde posso ver esse fascínio?

Medina. Procure outras pessoas, procure algo que seja fascinante. Não é que você vai à escola dizendo: “Preciso me apaixonar, vejamos o que há. João, não. Alfredo, não. Tudo bem, isso é o que temos, tanto faz apaixonar-se por qualquer um”. Não. Se não há alguém que lhe fascine, vá procurar em outro lugar.

Colocação. Mas se você disse que não se pode encontrar nas pessoas...

Medina. Disse que não é possível encontrar neste mundo como produto das nossas mãos, mas está no mundo por meio da encarnação. A amiga de antes dizia: “Estando aqui com você e com estes seis mil, estou bem”. Sou feito de carne, sou um homem. Vivi essa experiência com Dom Giussani, com padre Carrón: a experiência de encontrar alguém que é fascinante. Então, eu quero entender mais quem a pessoa é. E peço: “eu quero entender o divino em você, de onde vem esse divino, que não é deste mundo, porque estou cansado do mundo; mas há algo em você que me interessa”. Pense um pouco, os discípulos perguntaram a Jesus: “O que você faz com o dinheiro? Precisa pagar os impostos? E aos sábados, o que você faz? Como você olha para essas coisas?”. O

Fundo Comum é proposto a você: um modo novo de olhar o dinheiro. Você recebe a proposta da caritativa: um modo novo de olhar o amor. A Escola de Comunidade Ihe é proposta: um novo olhar sobre a sua vida. Então, como você se identifica? Diga sim àquilo que lhe é proposto e verifique se esse dizer sim (à Escola de Comunidade, ao Fundo Comum, à caritativa, às férias) é um bem, mas um bem neste nível: que faz você desejar mais. Se não, vivemos como um burguesinho piedoso, e fazemos, sim, as coisas, mas para que tudo fique tranquilo.

Colocação. *Você disse que a nossa vida é, em geral, uma pretensão, que nós vivemos na pretensão e que também temos essa postura na oração. Sim, é verdade, quando rezo, tenho uma pretensão. O que, então, eu deveria pedir na oração? Faça um exemplo: se preciso rezar por causa de um trabalho, é obvio que peço uma boa nota, é claro que não peço para tirar um dois.*

Medina. Você pede ao Senhor que lhe dê uma boa nota?

Colocação. *Também, quando é necessário.*

Medina. Tenho um pouco de dificuldade com isso. Desculpem, eu sou uma pessoa muito literal. Diante da sua oração, o que Deus deveria fazer? Deveria pegar a caneta e dizer: “Vamos, deixe o trabalho de lado que eu o faço”? Não entendo.

Colocação. *Não seria mal, porém... Eu peço sempre para que tudo vá bem. O que eu devo pedir na oração?*

Medina. O que você gostaria de pedir? O problema é que vocês “apunhalaram” o desejo, a ponto de pedir coisas realmente pequenas. Para você, de verdade, a nota é o que torna a vida diferente? Imagine que você está à beira da morte, com toda a sua urgência, e o que você pede? É a nota que você pede?

Colocação. *Não.*

Medina. Esse pedido é realmente a expressão mais ampla do seu desejo?

Colocação. *Não.*

Medina. Porque, aquilo que você pede manifesta o que você deseja e o que você acha que faz você feliz. Então, o que lhe faz feliz?

Colocação. *Agora? Não sei.*

Medina. Não sabe.

Colocação. *Uma boa nota em matemática não seria mal.*

Medina. Mas, para que lhe serve a nota de matemática? Será que tem o poder de fazer você viver a vida como aconteceu nestes dias?

Colocação. *Não.*

Medina. Então, por que você pede isso? Se você tem a oportunidade de encontrar o Presidente da República e ele diz: “Você é o italiano mais bonito do mundo, o que você quer?”. “Eu, realmente, queria tirar seis em matemática”. Isso é tudo o que pede? O que você pediria?

Colocação. Pediria para me tornar feliz.

Medina. Muito bem. O que isso significa?

Colocação. Não sei.

Medina. Não sabe.

Colocação. Vim aqui perguntar para você.

Medina. Por isso digo que a oração de vocês muitas vezes é burguesa. Por quê? É burguesa porque vocês pedem coisas realmente pequenas. Pequenas no sentido de que pedem aquilo que é conveniente. É conveniente receber um dez e elogios, é conveniente torna a vida mais simples, e as pessoas também pensam que você é inteligente. Mas isso faz você feliz? Se você tem a oportunidade de ser escutado por Deus, peça aquilo que realmente – realmente! - quer. E o que você quer? Não sabe?

Colocação. Não.

Medina. Nós não sabemos o que nos faz felizes porque a felicidade se encontra, não é algo que pensamos e então se realiza. A felicidade não é algo que eu posso fazer acontecer, mas é encontrada. Certo, é justo rezar pelas coisas que me são caras, por exemplo, a saúde da mãe, mas consciente de que nem a sua cura me tornará, em última instância, feliz. O que me faz feliz é que Tu, ó Cristo, através dessa realidade humana, vens ao meu encontro. Aquilo que me faz feliz é o fato de que eu posso encontrar-Te em todas as coisas que eu faço, encontrar algo de misterioso, de divino em todas as circunstâncias que vivo. O que me interessa é viver a escola com a mesma intensidade com a qual vivi estes três dias, encontrar algo de divino em tudo, inclusive no sofrimento e até na morte. Certo, existem circunstâncias que eu não quero porque provavelmente não aguentarei, porque estou cansado, mas o cansaço não é um problema, demo-nos conta disso ontem, até Jesus tinha dificuldade. E se Jesus tinha dificuldade, então nós também podemos ter, seguindo-o. Mas o modo como Jesus e Maria rezavam era diferente do nosso, porque Jesus também disse: “Eu não quero sofrer, mas faça-se segundo a tua palavra, porque me interessa, Pai”. Essa é a oração cristã. “Senhor, cura a minha mãe, mas faça-se segundo a tua palavra porque eu sei que tu amas a mim e à minha mãe. Eu digo sim a ti”. Rezem por aquilo que quiserem – pelo amor de Deus –, mas rezem sobretudo para descobrir algo de divino, algo de correspondente, não deste mundo, algo bonito, fascinante em tudo aquilo que vocês fazem. A nota boa passa. Tirou um, tudo bem. Mas, a mim, interessa a possibilidade de encontrar algo de divino, algo de correspondente, de bonito naquele trabalho, na escola, pelo qual o instante seja pleno de densidade. Eu lhes aconselho isto: caminhemos juntos! Vocês não percebem, talvez eu perceba mais, mas para mim foi um

espetáculo ver vocês caminharem juntos nestes dias. Foi bonito, comovente. É um caminho em direção a Ele. É um caminho para redescobrir a si mesmo. Os discípulos demoraram três anos para entender o que era a encarnação, o que era este homem que é Cristo. É possível que para nós também seja necessário um pouco de tempo. Aceitemos isso, tenhamos a paciência de seguir porque, em nós, a tentação é a de querer obter tudo imediatamente. E, ao contrário, você é convidado a caminhar, a estar em relacionamento com Cristo na carne, nesta carne, não com um Cristo que está nas nuvens. Você é convidado a dizer sim àquilo que é fascinante, àquela intuição de verdade que pressentiu. E, assim, será possível voltar para casa depois do Tríduo, dizendo: “Se este estar juntos foi tão fascinante para mim, talvez eu também diga sim segunda-feira, na escola”. É um caminho, uma educação. Vocês não se dão conta do poder imenso que tem dizer sim àquilo que lhes é proposto, simplesmente. “Olha: nós rezamos, fazemos Escola de Comunidade, estudamos juntos de vez em quando, vivemos juntos, pagamos o Fundo Comum, fazemos caritativa”. Diga sim a essas coisas, com simplicidade, e vai se perceber mudado, como se viu mudado nestes dias. É a simplicidade de dizer sim àquilo que lhe fascinou, dizer sim àquilo que está diante de você, fascinante e correspondente. E é o contrário de dizer não a todas as coisas às quais, normalmente, dizemos não. O problema do jovem rico não é que possuía muitas coisas. O problema é que, a um certo ponto, desviou o olhar de Cristo. Enquanto é natural, quando ouvimos um amigo dizer “Eu vou a Rimini”, responder “Vou com você”. Quer dizer, sigo uma coisa fascinante, como muitos entre nós fizeram indo atrás do fascínio de um homem, porque o livro *Na Origem da Pretensão Cristã* é o testemunho de um homem, padre Giussani, que falou a mim e que fala a você, como eu falo agora, que me revelou esse fascínio e, então, eu sigo, porque todo o resto, pessoalmente, não me interessa. “Lanço-me [diz São Paulo] na corrida para alcançá-Lo”, exatamente correndo, caminhando em direção a Ele. E o resto, o resto é “lixo”, diz ainda São Paulo; sem Cristo, o resto, para mim, é lixo, não me serve, trato como lixo: jogo fora, não me interessa, não me interessa no sentido que não percebo o seu valor, não me interessa porque sem Ti a vida é uma condenação, mas Contigo, a vida é bonita. O problema não é a vida, o problema não é a circunstância, o problema é quando Tu não estás, Cristo, porque quando Tu estás, eu vivo. Isso é tudo!

Vamos encerrar cantando, juntos, o canto de louvor a Maria.

Regina Caeli

Notas:

¹ T.S. Eliot, *Poesia*, Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1981.

² *Fil* 3,12.

³ Cf. J. Carrón , “*Nós também queremos ser escandalosamente felizes*”. *A Vida como Vocação*, Site de Passos (http://passos.tracce.it/default.asp?id=411&id_n=3211).

⁴ Cf. A. Schopenhauer, *O mundo como vontade e como representação*, Livro Segundo, Contraponto Editora, Rio de Janeiro, 2011.

⁵ Cf. F.W. Nietzsche, *A Gaia Ciência*, Cia. das Letras, São Paulo, 2012.

⁶ J. Kerouac, *Anjos da desolação*, L&PM Editores, Porto Alegre, 2010.

⁷ *Idem*.

⁸ Francisco, *Mensagem para a Jornada Mundial da Juventude 2014*, 21 de janeiro de 2014, 2.

⁹ Cf. *Le lettere di Santa Caterina da Siena*, vol. III, Giunti-Barbera, Firenze 1970, p. 204.

¹⁰ L. Giussani, *Ciò che abbiamo di più caro (1988-1989)*, Bur, Milano 2011, pp. 491-492.

¹¹ P. Lagerkvist, “Uno sconosciuto è il mio amico”, in *Poesie*, Guaraldi-Nuova Compagnia Editrice, Rimini-Forlì 1991, p. 111.

¹² O. Clemotte, “Hoy arriesgaré”, *Canti*, Cooperativa Nuovo Mondo, Milano, , p. 233.

¹³ Cf. *Lc* 1,34.38.

¹⁴ Cf. G. Cocquio, “Abramo”, *Canti*, op. cit., pp. 179-180.

¹⁵ *Gen* 15,3-4.

¹⁶ Cf. *Gen* 18,12.

¹⁷ Cf. *Gen* 18,14.

¹⁸ *Gen* 22,2.

¹⁹ *Jo* 6,53.56.

²⁰ Cf. *Jo* 6,61.67.

²¹ Cf. *Lc* 18,18.22.

²² Cf. *Gal* 2,20.

²³ Cf. *Mt* 19,29; *Mc* 10,29-30.

²⁴ Claudel, P. *O anúncio feito a Maria*. Rio de Janeiro, Agir, 1968.

²⁵ *Idem*.

²⁶ *Idem*.

²⁷ J. Carrón, Saudação no Encerramento do Tríduo Pascal dos Colegiais. Rimini 19 de abril de 2014.

²⁸ C. Chieffo, “Ballata dell’uomo vecchio”, *Canti*, p. 218.